Franz Kafka

CARTA AO PAI

TRADUÇÃO DE MODESTO CARONE

FRANZ KAFKA

CARTA AO PAI

Tradução e posfácio:
MODESTO CARONE

12ª reimpressão

COMPANHIA DAS LETRAS

CARTA AO PAI

Querido Pai:

Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento.

Para você a questão sempre se apresentou em termos muito simples, pelo menos considerando o que falou na minha presença e, indiscriminadamente, na de muitos outros. Para você as coisas pareciam ser mais ou menos assim: trabalhou duro a vida toda, sacrificou tudo pelos filhos, especialmente por mim, e graças a isso eu vivi "à larga", desfrutei de inteira liberdade para estudar o que queria, não precisei ter qualquer preocupação com o meu sustento e portanto nenhuma preocupação; em troca você não exigiu gratidão — você conhece a "gratidão dos filhos" — mas pelo menos alguma coisa de volta, algum sinal de simpatia; ao invés disso sempre me escondi de você, no meu quarto, com os meus livros, com amigos malucos, com ideias extravagantes, nunca falei abertamente com você, no templo não ficava a seu lado, nunca o visitei em Franzensbad,[1] aliás nunca tive sentido de família, não dei atenção à loja nem aos seus outros negócios, a fábrica eu deixei nas suas costas e depois o abandonei, apoiei a obstinação de Ottla[2] e, se por um lado não movo um dedo por você (nem uma entrada de teatro eu lhe trago), pelos amigos eu faço tudo. Se você fizesse um resumo do que pensa de mim, o resultado seria que na verdade não me censura de nada abertamente indecoroso ou mau (exceto talvez meu último projeto de casamento), mas sim de frieza, estranheza, ingratidão. E de fato você me recrimina por isso como se fosse culpa minha, como se por acaso eu tivesse podido, com uma virada do volante, conduzir tudo para outra direção, ao passo que você não tem a mínima culpa, a não ser talvez o fato de ter sido bom

demais para mim.

Esse seu modo usual de ver as coisas eu só considero justo na medida em que também acredito que você não tem a menor culpa pelo nosso distanciamento. Mas eu também não tenho a menor culpa. Se pudesse levá-lo a reconhecer isso, então seria possível, não uma nova vida — para tanto nós dois estamos velhos demais — mas sem dúvida uma espécie de paz; não a cessação, mas certamente um abrandamento das suas intermináveis recriminações.

Curiosamente você tem alguma intuição daquilo que eu quero dizer. Assim, por exemplo, me disse há pouco tempo: "Eu sempre gostei de você, embora na aparência não tenha sido como costumam ser os outros pais, justamente porque não sei fingir como eles". Ora, no que me diz respeito, pai, nunca duvidei da sua bondade, mas considero incorreta essa observação. Você não sabe fingir, é verdade, mas querer afirmar só por esse motivo que os outros pais fingem, é ou mera mania de ter razão e não se discute mais, ou então — como de fato acho — a expressão velada de que as coisas entre nós não vão bem e de que você tem a ver com isso, mas sem culpa. Se realmente pensa assim, então estamos de acordo.

Naturalmente não digo que me tornei o que sou só por influência sua. Seria muito exagerado (e até me inclino a esse exagero). É bem possível que, mesmo que tivesse crescido totalmente livre da sua influência, eu não pudesse me tornar um ser humano na medida do seu coração. Provavelmente seria um homem sem vigor, medroso, hesitante, inquieto, nem Robert Kafka nem Karl Hermann,[3] mas completamente diferente do que sou na realidade — e teríamos podido nos tolerar um ao outro de uma forma magnífica. Eu teria sido feliz por tê-lo como amigo, chefe, tio, avô, até mesmo (embora mais hesitante) como sogro. Mas justo como pai você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais.

Compare-nos um com o outro: eu, para expressá-lo bem abreviadamente, um Löwy com certo fundo Kafka, mas que não é acionado pela vontade de viver, fazer negócios e conquistar dos Kafka, e sim por um aguilhão dos Löwy, que age mais secreto, mais tímido, numa outra direção, e muitas vezes cessa por completo. Você, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade de voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos homens, certa generosidade — naturalmente com todos os defeitos e fraquezas que

fazem parte dessas qualidades e para as quais o precipitam seu temperamento e por vezes sua cólera. Talvez você não seja totalmente Kafka na sua visão geral do mundo, até o ponto em que posso compará-lo com tio Philipp, Ludwig, Heinrich.[4] Isso é curioso, aqui também não vejo muito claro. Todos eles eram sem dúvida mais alegres, mais dispostos, mais desenvoltos, mais despreocupados, menos severos que você. (Nisto, aliás, herdei muito de você e administrei bem demais a herança, sem no entanto ter no meu ser os contrapesos necessários, como você tem.) Por outro lado, porém, você nesse sentido atravessou épocas diferentes, talvez fosse mais alegre antes que os filhos — eu em particular — o decepcionassem e oprimissem em casa (se vinham estranhos, você era outro) e talvez agora também tenha ficado de novo mais alegre, uma vez que os netos e o genro lhe devolvem algo daquele calor que os filhos não lhe puderam dar, a não ser talvez Valli.[5] Seja como for, éramos tão diferentes e nessa diferença tão perigosos um para o outro, que se alguém por acaso quisesse calcular antecipadamente como eu, a criança que se desenvolvia devagar, e você, o homem-feito, se comportariam um com o outro, poderia supor que você simplesmente me esmagaria sob os pés e que não sobraria nada de mim. Ora, isso não aconteceu — o que é vivo não comporta cálculo — mas talvez tenha acontecido algo pior. Aqui, contudo, peço-lhe encarecidamente que não se esqueça de que nem de longe acredito numa culpa da sua parte. Você influiu sobre mim como tinha de influir, só que precisa deixar de considerar como uma maldade especial da minha parte o fato de eu ter sucumbido a essa influência.

Eu era uma criança medrosa; é claro que apesar disso também era teimoso como o são as crianças; certamente também minha mãe me mimou, mas não posso crer que fosse um menino difícil de lidar, nem que uma palavra amável, um silencioso levar pela mão, um olhar bondoso não pudessem conseguir de mim tudo o que se quisesse. Ora, no fundo você é um homem bom e brando (o que se segue não vai contradizer isso, estou falando apenas da aparência na qual você influenciava o menino), mas nem toda criança tem a resistência e o destemor de ficar procurando até chegar à bondade. Você só pode tratar um filho como você mesmo foi criado, com energia, ruído e cólera, e neste caso isso lhe parecia, além do mais, muito adequado, porque queria fazer de mim um jovem forte e corajoso.

Naturalmente, hoje não posso descrever sem mediações seus métodos pedagógicos nos primeiros anos, mas posso talvez imaginá-los por dedução dos anos posteriores e a partir da maneira como você

trata Félix.[6] Neste caso entra em consideração, como agravante, o fato de que naquele tempo você era mais jovem, portanto mais disposto, mais genuíno, mais despreocupado do que hoje, e de que, além disso, inteiramente ligado aos negócios, mal podia se mostrar durante o dia para mim, e por isso a impressão que me causava era mais profunda ainda, tanto que jamais se banalizou em hábito.

De imediato eu só me recordo de um incidente dos primeiros anos. Talvez você também se lembre dele. Uma noite eu choramingava sem parar pedindo água, com certeza não de sede, mas provavelmente em parte para aborrecer, em parte para me distrair. Depois que algumas ameaças severas não tinham adiantado, você me tirou da cama, me levou para a *pawlatsche*[7] e me deixou ali sozinho, por um momento, de camisola de dormir, diante da porta fechada. Não quero dizer que isso não estava certo, talvez então não fosse realmente possível conseguir o sossego noturno de outra maneira; mas quero caracterizar com isso seus recursos educativos e os efeitos que eles tiveram sobre mim. Sem dúvida, a partir daquele momento eu me tornei obediente, mas fiquei internamente lesado. Segundo a minha índole, nunca pude relacionar direito a naturalidade daquele ato inconsequente de pedir água com o terror extraordinário de ser arrastado para fora. Anos depois eu ainda sofria com a torturante ideia de que o homem gigantesco, meu pai, a última instância, podia vir quase sem motivo me tirar da cama à noite para me levar à *pawlatsche* e de que eu era para ele, portanto, um nada dessa espécie.

Na época isso foi só um pequeno começo, mas esse sentimento de nulidade que frequentemente me domina (aliás, visto de outro ângulo, um sentimento nobre e fecundo) deriva, por caminhos complexos, da sua influência. Eu teria precisado de um pouco de estímulo, de um pouco de amabilidade, de um pouco de abertura para o meu caminho, mas ao invés disso você o obstruiu, certamente com a boa intenção de que eu devia seguir outro. Mas para isso eu não tinha condições. Você me estimulava, por exemplo, quando eu batia continência e marchava direito, no entanto eu não era um futuro soldado; ou me estimulava quando eu comia vigorosamente e além disso conseguia beber cerveja; ou quando sabia repetir canções que não compreendia, ou arremedar suas expressões prediletas; nada disso, entretanto, fazia parte do meu futuro. E é significativo que até hoje você só me encoraje de fato naquilo que o afeta pessoalmente, quando se trata do seu amor-próprio, que eu firo (por exemplo, com o meu projeto de casamento) ou que é ferido em mim (quando, por exemplo, Pepa[8] me insulta). Então sou estimulado, lembrado do meu valor, remetido às partilhas

que tenho o direito de fazer, e Pepa é inteiramente condenado. Mas deixando de lado o fato de que hoje, na minha idade, já estou quase inacessível ao encorajamento, no que iria ele me ajudar, se só se manifesta onde em primeira linha não se trata de mim?

Era então, em tudo e por tudo, que eu teria precisado de estímulo. Já estava esmagado pela simples materialidade do seu corpo. Lembro-me por exemplo de que muitas vezes nos despíamos juntos numa cabine. Eu magro, fraco, franzino, você forte, grande, largo. Já na cabine me sentia miserável e na realidade não só diante de você, mas do mundo inteiro, pois para mim você era a medida de todas as coisas. Mas quando saíamos da cabine diante das pessoas, eu na sua mão, um pequeno esqueleto, inseguro, descalço sobre as pranchas de madeira, com medo da água, incapaz de imitar seus movimentos para nadar, que com boa intenção, mas de fato para minha profunda vergonha, você não parava de me mostrar — então nesses momentos eu ficava muito desesperado e todas as minhas más experiências em todas as áreas confluíam em grande estilo. Só me sentia melhor quando você algumas vezes se despia primeiro e eu ficava sozinho, podendo adiar a vergonha da aparição pública até o momento em que você vinha ver o que estava acontecendo e me tirava da cabine. Ficava grato porque você parecia não notar minha aflição e também tinha orgulho do corpo do meu pai. Aliás, essa diferença entre nós subsiste ainda hoje de forma parecida.

A isso correspondia, ademais, sua superioridade espiritual. Você havia subido tão alto, contando apenas com a própria força, que tinha confiança ilimitada na sua opinião pessoal. Enquanto criança, isso não foi para mim tão ofuscante como mais tarde para o jovem adolescente. Da sua poltrona você regia o mundo. Sua opinião era certa, todas as outras, disparatadas, extravagantes, *meshugge*,[9] anormais. Tão grande era sua autoconfiança que você não precisava de modo algum ser consequente, sem no entanto deixar de ter razão. Podia também ser o caso de você não ter opinião alguma sobre um assunto e, consequentemente, todas as opiniões possíveis relativas a ele precisavam ser sem exceção erradas. Você podia, por exemplo, xingar os tchecos, depois os alemães, depois os judeus, na verdade não sob este ou aquele aspecto, mas sob todos, e no final não sobrava mais ninguém além de você. Você assumia para mim o que há de enigmático em todos os tiranos, cujo direito está fundado, não no pensamento, mas na própria pessoa. Pelo menos assim me parecia.

Ora, no que me dizia respeito, você efetivamente tinha razão com assombrosa frequência; numa conversa isso era evidente, pois mal

chegávamos a conversar; mas também na prática você tinha razão. Entretanto isso não era nada de especialmente incompreensível: em todos os meus pensamentos eu estava sob forte pressão da sua parte, mesmo naqueles que não coincidiam com os seus, e particularmente nesses. Todas aquelas ideias na aparência independentes de você estavam desde o início gravadas pelo seu juízo desfavorável: suportar isso até a exposição completa e duradoura do pensamento era quase impossível. Não falo aqui de pensamentos elevados de qualquer natureza, mas de todos os pequenos empreendimentos da infância. Bastava estar feliz com alguma coisa, ficar com a alma plena, chegar em casa e expressá-la, para que a resposta fosse um suspiro irônico, um meneio de cabeça, o bater do dedo sobre a mesa: "Já vi coisa melhor", ou "Para mim você vem contar isso?", ou "Minha cabeça não é tão fresca quanto a sua", ou "Dá para comprar alguma coisa com isso?", ou "Mas que acontecimento!". Naturalmente não se podia exigir de você entusiasmo por qualquer ninharia de criança, vivendo como vivia, cheio de preocupação e trabalho pesado. Nem era disso que se tratava. Pelo contrário, tratava-se do fato de que você precisava causar essas decepções ao filho, sempre e por princípio, graças ao seu ser contraditório, mais ainda: de que o espírito de contradição se fortalecia incessantemente pela acumulação de material, de tal forma que no fim ele acabava se impondo até como costume, mesmo que às vezes você tivesse opinião igual à minha, e finalmente, já que essas decepções não eram as decepções da vida comum, elas acertavam no cerne, pois isso dizia respeito à sua pessoa, medida de todas as coisas. A coragem, a determinação, a confiança, a alegria em torno disto ou daquilo não se sustentavam até o fim quando você era contra ou quando a sua oposição podia ser meramente presumida; e ela podia sem dúvida ser presumida em praticamente tudo o que eu fazia.

Isso se relacionava tanto a ideias quanto a pessoas. Bastava que eu tivesse um pouco de interesse por alguém — o que aliás não acontecia com frequência por causa do meu modo de ser — para que você, sem qualquer respeito pelo meu sentimento e sem consideração pelo meu julgamento, interviesse logo com insulto, calúnia e humilhação. Gente inocente, ingênua, como por exemplo o ator judeu Löwy, teve de pagar por isso. Sem conhecê-lo, você o comparou, de um modo horrível, do qual já me esqueci, com inseto daninho e, como muitas vezes em relação a pessoas que me eram caras, você automaticamente tinha à mão o ditado sobre cães e pulgas.[10] Lembro-me aqui em particular do ator, porque anotei as coisas que então você disse dele para mim, com uma observação: "É assim que meu pai fala sobre o

meu amigo (que absolutamente não conhece) só porque ele é meu amigo. Poderei sempre retrucar isso quando me recriminar por falta de amor e de gratidão filial". Para mim, sempre foi incompreensível sua total falta de sensibilidade em relação à dor e à vergonha que podia me infligir com palavras e juízos: era como se você não tivesse a menor noção da sua força. Também eu com certeza muitas vezes o magoei com palavras, mas depois sempre o reconheci, isso me doía mas eu não podia me dominar, refrear a palavra, já me arrependia enquanto a pronunciava. Mas você desfechava sem mais as suas, não se condoía de ninguém, nem durante nem depois, contra você estava-se completamente sem defesa.

No entanto, toda a sua educação foi assim. Creio que você tem talento de educador; a uma pessoa da sua índole você certamente teria sido útil através da educação; ela teria percebido a sensatez daquilo que você lhe estava dizendo, não teria se preocupado com nada além disso e dessa maneira levaria as coisas calmamente a termo. Mas para mim, quando criança, tudo o que você bradava era logo mandamento do céu, eu jamais o esquecia, ficava sendo para mim o recurso mais importante para poder julgar o mundo, sobretudo para julgar você mesmo, e nisso o seu fracasso era completo. Como em criança eu ficava junto de você principalmente na hora das refeições, a sua lição principal era em grande parte uma lição sobre o comportamento correto à mesa. O que vinha à mesa precisava ser comido, não era permitido falar sobre a qualidade da comida — mas você frequentemente achava a comida intragável; chamava-a de "grude", a "besta" (a cozinheira) a tinha estragado. Como você por natureza tinha um apetite vigoroso e uma predileção especial por comer tudo rápido, quente e em grandes bocados, o filho tinha de se apressar, reinava à mesa um silêncio sombrio, interrompido por admoestações: "Primeiro coma, depois fale", ou "Mais depressa, mais depressa", ou "Veja: já terminei de comer faz muito tempo". Não era permitido partir os ossos com os dentes, mas você podia. O principal era que se cortasse o pão direito, mas o fato de que você o fizesse com uma faca pingando molho era indiferente. Era preciso prestar atenção para que não caíssem restos de comida no chão, no final a maioria deles ficava embaixo de você. À mesa não era permitido se ocupar de outra coisa a não ser da refeição, mas você polia e cortava as unhas, apontava lápis, limpava os ouvidos com o palito dos dentes. Por favor, pai, me entenda bem, esses pormenores teriam sido em si mesmos totalmente insignificantes, eles só me oprimiam porque você, o homem tão imensamente decisivo, não atendia ele mesmo aos mandamentos que

me impunha. Com isso o mundo se dividia para mim em três partes, uma onde eu, o escravo, vivia sob leis que tinham sido inventadas só para mim e às quais, além disso, não sabia por que, nunca podia corresponder plenamente; depois, um segundo mundo, infinitamente distante do meu, no qual você vivia, ocupado em governar, dar ordens e irritar-se com o seu não-cumprimento; e finalmente um terceiro mundo, onde as outras pessoas viviam felizes e livres de ordens e de obediência. Eu vivia imerso na vergonha: ou seguia as suas leis, e isso era vergonha porque elas só valiam para mim; ou ficava teimoso, e isso também era vergonha, pois como me permitia ser teimoso diante de você?, ou então não podia obedecer porque, por exemplo, não tinha a sua força, o seu apetite, a sua destreza, embora você exigisse isso de mim como algo natural: esta era com certeza a vergonha maior. Desse modo se moviam não as reflexões, mas os sentimentos do menino.

Minha situação na época talvez fique mais clara se eu a comparar com a de Félix. Você o trata de forma semelhante, até mesmo emprega contra ele um método de ensino particularmente terrível, na medida em que, quando ele faz durante a refeição alguma coisa que na sua opinião não é limpa, você não se contenta em dizer como antigamente para mim: "Você é um porcalhão", mas ainda acrescenta: "Você é um autêntico Hermann", ou "Igualzinho ao seu pai". Talvez porém — mais que "talvez" não se pode dizer — isso de fato não prejudique essencialmente Félix, pois para ele você é só um avô, embora especialmente importante, mas sem dúvida não é tudo, como foi para mim; além disso Félix é um caráter calmo e já agora, de certo modo, viril, que se deixa talvez aturdir por uma voz de trovão, mas não ser comandado por muito tempo; acima de tudo, ele só fica relativamente pouco com você e está sob outras influências; para ele você é muito mais algo caro e bizarro do qual pode escolher o que quer levar. Para mim você não era uma coisa bizarra, eu não podia escolher, tinha de levar tudo.

E na verdade sem poder argumentar nada, pois lhe é de antemão impossível falar serenamente sobre uma coisa com a qual não concorda ou que simplesmente não parta de você: seu temperamento dominador não o permite. Nos últimos anos você explica isso pelo seu nervosismo cardíaco, eu não saberia dizer se você foi alguma vez em essência diferente, no máximo o nervosismo cardíaco é um meio para o exercício mais estrito da dominação, já que a lembrança da doença deve sufocar nos outros a última réplica. Naturalmente isto não é uma censura, apenas a constatação de um fato. Por exemplo, em relação a

Ottla você costuma dizer: "Com essa não se pode falar nada: ela logo pula no pescoço"; mas na realidade não é ela a primeira a fazer isso; você confunde a coisa com a pessoa; é a coisa que pula no seu pescoço e imediatamente você toma uma decisão sobre ela, sem ouvir a pessoa; o que depois ainda se argumente só pode irritá-lo, jamais convencê-lo. Ouve-se então apenas o seguinte: "Faça o que quiser; por mim você está livre; você é maior de idade; não tenho conselhos para lhe dar"— e tudo naquela inflexão terrível e rouca da ira e da completa condenação, diante da qual eu hoje só tremo menos que na infância porque o sentimento de culpa exclusivo da criança foi em parte substituído pela compreensão do nosso comum desamparo.

A impossibilidade do intercâmbio tranquilo teve uma outra consequência na verdade muito natural: desaprendi a falar. Certamente eu não teria sido, em outro contexto, um grande orador, mas sem dúvida teria dominado a linguagem humana corrente e comum. No entanto, logo cedo você me interditou a palavra, sua ameaça: "Nenhuma palavra de contestação!" e a mão erguida no ato me acompanharam desde sempre. Na sua presença — quando se trata das suas coisas você é um excelente orador — adquiri um modo de falar entrecortado, gaguejante, para você também isso era demais, finalmente silenciei, a princípio talvez por teimosia, mais tarde porque já não podia pensar nem falar. E como você era meu verdadeiro educador, isso repercutiu em todos os aspectos da minha vida. No geral é um curioso equívoco você acreditar que nunca me submeti à sua vontade. "Sempre do contra em tudo" não foi realmente meu princípio de vida diante de você, como acredita e me recrimina por isso. Pelo contrário: se eu tivesse obedecido menos, você na certa estaria muito mais satisfeito comigo. O fato é que as suas medidas educativas acertaram no alvo; não me esquivei a nenhuma investida sua; assim como sou (naturalmente pondo de lado os fundamentos e a influência da vida), sou o resultado da sua educação e da minha docilidade. Que esse resultado apesar disso lhe seja penoso, que você se recuse inconscientemente a reconhecê-lo como produto da sua educação, se deve justamente ao fato de que a sua mão e o meu material eram tão estranhos um ao outro. Você dizia: "Nenhuma palavra de contestação!" e com isso queria silenciar em mim as forças contrárias que lhe eram tão desagradáveis, mas essa influência era muito forte para mim, eu era dócil demais, emudecia por completo, me escondia de você e só ousava me mexer quando estava tão distante que o seu poder não me alcançava mais, pelo menos diretamente. Mas você estava ali, diante de mim, e tudo lhe parecia ser novamente "do

contra”, quando era apenas a consequência natural da sua força e da minha fraqueza.

Seus recursos oratórios extremamente eficazes e que nunca falhavam, pelo menos comigo, eram: insulto, ameaça, ironia, riso malévolo e — curiosamente — autoacusação.

Não consigo me lembrar se você me insultava diretamente com impropérios explícitos. Também não era necessário, você dispunha de muitos outros meios, nas conversas em casa e especialmente na loja os xingamentos voavam para cima de outras pessoas ao meu redor numa tal quantidade que quando eu era menino ficava quase anestesiado e não tinha motivo algum para não remetê-los também a mim, pois as pessoas que insultava certamente não eram piores que eu, e sem dúvida você não estava muito mais insatisfeito com elas do que comigo. E também aqui se manifestava mais uma vez a sua enigmática inocência e intangibilidade: xingava sem se importar com isso, no entanto condenava o insulto nos outros e o proibia.

Você reforçava o xingamento com ameaças e então isso já valia para mim. Era terrível, por exemplo, aquele “Vou fazer picadinho de você”,[11] embora eu decerto soubesse que nada de mais grave se seguiria (quando pequeno, entretanto, eu não o sabia); mas quase correspondia à ideia que eu tinha do seu poder, o fato de que você também era capaz de chegar a tanto. Era terrível ainda quando você corria gritando em torno da mesa para agarrar um de nós; evidentemente você não queria agarrar, mas agia como se quisesse, e a aparência era de que a minha mãe finalmente chegava para salvar. À criança parecia que mais uma vez havia conservado a vida por clemência e que continuava a mantê-la como um presente imerecido da sua parte. Também faziam parte desse quadro as ameaças decorrentes da desobediência. Quando eu começava a fazer alguma coisa que não lhe agradava e você me ameaçava com o malogro, então o respeito pela sua opinião era tão grande que com ele o fracasso era inevitável, mesmo que só ocorresse numa época posterior. Perdi a confiança nos meus próprios atos. Tornei-me instável, indeciso. Quanto mais velho ficava, tanto maior era o material que você podia levantar como prova da minha falta de valor; aos poucos você num certo sentido acabou tendo realmente razão. Previno-me outra vez de afirmar que me tornei assim só por sua causa; você apenas reforçou o que existia, mas reforçou muito, justamente porque diante de mim você era muito poderoso e aplicou nisso todo o seu poder.

Você tinha especial confiança na educação pela ironia, era ela a que melhor correspondia à sua superioridade sobre mim. Em você

uma admoestação tinha comumente esta forma: “Será que você não pode fazer isto assim e assado? Será que é demais para você? Naturalmente para isso você não tem tempo, não é?”, e coisas semelhantes. Nessa hora cada pergunta era acompanhada por um riso maldoso e uma cara feia. De certo modo a pessoa já estava punida antes mesmo de saber que tinha feito algo errado. Eram provocadoras também as repreensões em que se era tratado na terceira pessoa, ou seja, como alguém indigno até da interpelação malévola, na qual você se dirigia formalmente à minha mãe, mas na realidade a mim; assim, por exemplo: “Naturalmente não se pode exigir isso do senhor meu filho” e coisas do gênero. (A contrapartida foi que eu, por exemplo, não ousava e mais tarde nem mesmo cogitava de lhe fazer perguntas diretas quando minha mãe estava presente. Era muito menos arriscado para o filho perguntar por você à mãe sentada ao seu lado; então se indagava: “Como vai o meu pai?” e assim se evitavam surpresas.) Evidentemente havia casos em que se estava muito de acordo com a ironia mais acerba, quando ela dizia respeito a outra pessoa, por exemplo Elli, com quem estive em más relações durante anos. Para mim era uma festa da maldade e do júbilo pela infelicidade alheia quando, em quase todas as refeições, se falava dela assim: “A ampla mocinha precisa ficar sentada a dez metros de distância da mesa”, lance em que você, então, maldoso na sua cadeira, sem o menor vestígio de amabilidade ou de humor, mas sim na postura de um inimigo encarniçado, procurava imitar, com exagero, a maneira como ela se sentava, extremamente repulsiva para o seu gosto. Com que frequência essa e outras coisas parecidas tiveram de se repetir, quão pouco você alcançou na prática efetiva! Acredito que isso se devia ao fato de que o dispêndio de ira e malevolência não parecia estar numa proporção certa com a coisa propriamente dita; não havia o sentimento de que a ira tivesse sido provocada por aquela ninharia de se sentar longe da mesa, mas que ela existia de antemão em toda a sua magnitude e que só casualmente fora tomada como pretexto para se desencadear. Uma vez que se estava convencido de que o pretexto seria encontrado de qualquer modo, não havia nenhuma preocupação especial com a conduta; além do que ficava-se insensibilizado com as constantes ameaças, pois aos poucos já se estava quase seguro de que ninguém iria apanhar. A criança se tornava rabugenta, desatenta, desobediente, sempre pensando numa fuga, a maioria das vezes numa fuga interior. Assim você sofria, assim sofríamos nós. Do seu ponto de vista você tinha toda a razão quando, com os dentes cerrados e o riso gorgolejante, que haviam transmitido ao filho, pela primeira vez, as

imagens do inferno, costumava dizer (como ainda recentemente a respeito de uma carta de Constantinopla): “Isto sim é que é companhia!”.

Totalmente incompatível com essa sua postura perante os filhos parecia ser o fato de que você se lamentava publicamente, o que acontecia com muita frequência. Admito que quando criança eu não tinha empatia alguma por isso (mais tarde sim) e não entendia como pudesse de algum modo esperar que se condoessem de você. Você era tão gigantesco em todos os sentidos — que interesse podia ter pela nossa comiseração ou simplesmente pela nossa ajuda? Na realidade devia desprezá-las assim como nos desprezava. Por isso eu não acreditava nas queixas e procurava por trás delas alguma intenção secreta. Só mais tarde compreendi que você de fato sofria muito por causa dos filhos; mas naquela época, em que as lamentações poderiam, em circunstâncias diferentes, encontrar uma resposta infantil aberta, sem prevenção, disposta a qualquer ajuda, elas só poderiam ser, para mim, novos meios mais que manifestos de ensino e humilhação, não muito fortes como tais, mas com o efeito secundário nocivo de que a criança se acostumava a não levar a sério exatamente aquilo que deveria levar a sério.

Felizmente havia também exceções a isso, sobretudo quando você sofria em silêncio e o amor e a bondade superavam com a sua força qualquer oposição e comoviam de forma imediata. Embora raro, era maravilhoso. Por exemplo, quando nas tardes quentes de verão eu o via depois do almoço dormir um pouco, cansado, na loja, com os cotovelos apoiados no balcão; ou quando você chegava aos domingos, esfalfado, para nos visitar nas férias de verão; ou a vez em que, durante uma doença grave da minha mãe, você se apoiou nas estantes de livros, trêmulo de tanto chorar; ou quando na minha última doença você veio em silêncio me ver no quarto de Ottla, ficou parado na soleira da porta, apenas esticou o pescoço para me avistar na cama e por consideração só fez um cumprimento com a mão. Naqueles momentos eu me estendia no leito e chorava de felicidade, e choro ainda agora enquanto escrevo.

Você tinha também um jeito de sorrir particularmente belo, bem raro de se ver, um riso tranquilo, satisfeito, afável, que podia tornar muito feliz aquele a quem se dirigia. Não consigo me lembrar de que ele tivesse sido expressamente concedido a mim na infância, mas isso sem dúvida deve ter acontecido, pois por que você o teria negado naquela época, já que eu ainda lhe parecia inocente e era a sua grande esperança? Aliás, também essas impressões amáveis não lograram com

o tempo outra coisa senão aumentar a minha consciência de culpa e tornar o mundo ainda mais incompreensível para mim.

Eu preferia ater-me ao que era concreto e duradouro. Só para me afirmar um pouco diante de você, em parte também por uma espécie de vingança, logo comecei a observar, colecionar e exagerar pequenos ridículos que notava em você, por exemplo, o modo como se deixava deslumbrar por pessoas na maioria das vezes apenas aparentemente em posição mais elevada, das quais você podia contar coisas sem parar — porventura algum conselheiro imperial ou algo do gênero (por outro lado, esse tipo de coisa me doía, pelo fato de que você, meu pai, acreditava precisar dessas confirmações fúteis do seu valor e se gabar delas). Ou observar a sua predileção por frases indecorosas, de preferência proferidas em voz alta, das quais ria como se tivesse dito alguma coisa particularmente brilhante, quando se tratava apenas de uma pequena e banal indecência (contudo, isso era ao mesmo tempo uma nova manifestação da sua força vital, que me envergonhava). Naturalmente havia uma grande variedade de observações como essas; eu ficava feliz com elas, pois me davam pretexto para mexerico e diversão; às vezes você percebia e se zangava com isso, tomava-o por maldade, falta de respeito; mas acredite-me, para mim não eram outra coisa senão um meio de resto inoperante de autoconservação, eram gracejos como os que se espalham sobre deuses e reis, gracejos que não só se associavam ao mais profundo respeito, como até faziam parte dele.

Aliás, você também tentou uma espécie de contra-ataque, correspondente à situação semelhante que tinha diante de mim. Costumava apontar como as coisas iam exageradamente bem para mim e como, de fato, eu era bem tratado. É verdade, mas não creio que nas circunstâncias então reinantes isso tivesse sido uma ajuda substancial.

É certo que minha mãe era de uma bondade ilimitada comigo, mas para mim tudo isso estava relacionado com você, ou seja, numa relação nada boa. Inconscientemente ela exercia o papel de isca na caça. Se em alguma hipótese improvável sua educação tivesse me tornado independente, ao engendrar obstinação, antipatia ou até mesmo ódio — então minha mãe iria restabelecer o equilíbrio pela bondade, pelo discurso sensato (na confusão da infância ela era o protótipo da razão), pelos rogos, e eu me veria trazido novamente de volta à sua órbita, da qual em outro caso talvez tivesse me evadido para vantagem sua e minha. Ou então ocorria que não se chegava a nenhuma reconciliação de fato, que minha mãe me protegia de você

às escondidas e me dava alguma coisa, me permitia algo em segredo; aí eu me tornava de novo, diante de você, a criatura que teme a luz, que engana, que está consciente da própria culpa, alguém que por causa da própria nulidade só pode chegar por caminhos tortuosos àquilo que considera o seu direito. Isso representava outra vez aumento da consciência de culpa.

É fato também que você nunca me bateu de verdade. Mas os gritos, o enrubescimento do seu rosto, o gesto de tirar a cinta e deixá-la pronta no espaldar da cadeira para mim eram quase piores. É como quando alguém deve ser enforcado. Se ele é realmente enforcado, então morre e acaba tudo. Mas se precisa presenciar todos os preparativos para o enforcamento e só fica sabendo do seu indulto quando o laço pende diante do seu rosto, então ele pode ter de sofrer a vida toda com isso. Além do mais, das muitas vezes em que, na sua opinião declarada, eu teria merecido uma surra, mas escapara por um triz por causa da sua clemência, se acumulava de novo um grande sentimento de culpa. De todos os lados eu desembocava na sua culpa.

Você sempre me recriminou (só na minha presença ou na de estranhos — para a humilhação que isso representava você não tinha sensibilidade, os assuntos dos seus filhos eram sempre públicos) de que, graças ao seu trabalho, eu vivia sem qualquer privação, na tranquilidade, no calor e na fartura. Penso aqui em certas observações que devem ter literalmente riscado sulcos no meu cérebro, como: "Já aos sete anos eu precisava levar a carroça pelas aldeias"; "Precisávamos dormir todos num cubículo"; "Ficávamos felizes quando tínhamos batatas"; "Durante anos, por falta de roupa de inverno suficiente, fiquei com feridas abertas nas pernas"; "Quando eu ainda era menino já precisava ir para a loja em Pisek"; "Dos meus eu não recebia nada, nem mesmo durante o serviço militar, ainda tinha que mandar dinheiro para casa"; "Mas apesar de tudo — de tudo — o pai era sempre o pai. Quem é que sabe disso hoje? O que é que os filhos sabem? Ninguém sofreu assim. Será que um filho entende isso hoje?". Essas histórias poderiam ter sido, em outras circunstâncias, um excelente recurso educativo, teriam podido oferecer estímulo e força ao filho para resistir às mesmas trabalheiras e privações pelas quais o pai tinha passado. Mas você não queria isso, pois graças justamente aos seus esforços a situação era outra, não havia chance para alguém se distinguir como você o tinha feito. Essa oportunidade só se poderia criar pela violência e pela subversão, seria preciso fugir de casa (supondo-se que tivesse existido capacidade de decisão e força para tanto e minha mãe, por seu lado, não tivesse trabalhado contra por

outros meios). Mas você não queria nada disso, qualificava-o de ingratidão, extravagância, desobediência, traição, loucura. Portanto, se por um lado você induzia a isso através do exemplo, das narrativas e da vergonha, por outro o proibia da maneira mais rigorosa. Se não fosse assim, por exemplo, abstraídas as circunstâncias acessórias, você teria na verdade de ficar encantado com a aventura de Ottla em Zurau.[12] Ela queria ir para o campo de onde você tinha vindo, queria passar por trabalho e privações como você, não queria desfrutar dos seus êxitos no trabalho, do mesmo modo que você também tinha sido independente do seu pai. Eram intenções tão terríveis assim? Tão distantes do seu exemplo e ensinamento? Bem, as intenções de Ottla afinal falharam no resultado, tornaram-se talvez ridículas, foram executadas com muito barulho, ela não teve consideração suficiente pelos pais. Mas será que a culpa foi exclusivamente dela, não foi culpa também das condições e sobretudo do fato de você estar tão distanciado dela? Será por acaso que ela (como mais tarde você quis se convencer) estava menos distante de você na loja do que depois em Zurau? Será que você com toda certeza não teria tido força (supondo-se que tivesse conseguido superar a si mesmo) para fazer dessa aventura algo muito bom, através do encorajamento, do conselho e da orientação, talvez até só da tolerância?

Em seguida a essas experiências você costumava dizer, num gracejo amargo, que as coisas iam bem demais para nós. Mas em certo sentido não é um gracejo. Recebemos da sua mão aquilo que você precisou lutar para conseguir, mas a luta pela vida material, que no seu caso foi imediata, e da qual naturalmente não somos poupados, essa nós só tivemos de travar mais tarde, com energia de criança na idade adulta. Não digo que por causa disso nossa situação seja necessariamente menos favorável do que foi a sua, provavelmente ela é equivalente (ainda que as situações de base não possam, é claro, ser comparadas); estamos em desvantagem no sentido de que não podemos nos vangloriar das nossas privações, nem humilhar ninguém com elas, como você fez com as suas. Também não nego que teria sido possível que eu fruísse e valorizasse na justa medida os frutos do seu grande e bem-sucedido trabalho e pudesse levá-los em frente para lhe dar alegria; mas justamente nosso distanciamento se opunha a isso. Eu podia desfrutar o que você me dava, mas só com vergonha, cansaço, fraqueza, consciência de culpa. Consequentemente, por tudo isso eu só conseguia ser grato como um mendigo, nunca através da ação.

O resultado exterior imediato de toda essa educação foi que fugi de tudo o que, mesmo à distância, lembrasse você. Primeiro foi a loja.

Em si mesma, particularmente na infância, enquanto era uma pequena loja, ela teria me agradado muito, era tão viva, iluminada à noite, a gente via e ouvia muita coisa, podia aqui e ali ajudar, chamar a atenção, mas sobretudo admirá-lo nos seus extraordinários talentos comerciais, o modo como você vendia, tratava as pessoas, fazia brincadeiras, se mostrava infatigável, em casos de dúvida sabia tomar logo uma decisão e assim por diante; além disso era um espetáculo digno de ser visto o jeito como você fazia um embrulho ou abria uma caixa, e tudo no conjunto não era a pior das escolas para uma criança. Mas quando aos poucos você foi me aterrorizando por todos os lados e a loja e a sua pessoa se tornaram para mim uma coisa só, então também ela já não era mais acolhedora. Coisas que no início eram naturais para mim me atormentavam, envergonhavam, principalmente o tratamento que você dispensava aos empregados. Não sei, talvez fosse assim na maioria das lojas (na “Assicurazioni Generali”[13] no meu tempo, por exemplo, o tratamento era de fato parecido, lá eu apresentei ao diretor minha demissão alegando de um modo não totalmente sincero, mas também não de todo falso, que não podia suportar os insultos, que aliás nunca me atingiram diretamente; nesse ponto eu era dolorosamente sensível desde pequeno), mas na infância não me importavam as outras lojas. Era na loja, porém, que eu o via e escutava xingar e se enfurecer de um modo que, na minha opinião da época, não acontecia em nenhuma outra parte do mundo. E não só xingar como também exercer as demais formas de tirania. Como, por exemplo, atirar do balcão, com um golpe, mercadorias que você não queria ver confundidas com outras — só o desculpava um pouco a irreflexão da sua cólera — e o caixeiro tinha de erguê-las do chão. Ou a expressão que você usava constantemente a respeito de um caixeiro doente dos pulmões: “Esse cachorro doente devia rebentar de uma vez!”. Você chamava os empregados de “inimigos pagos”, e eles com efeito o eram, mas antes ainda de terem se transformado nisso você me parecia ser o “inimigo pagante” deles. Lá também recebi o grande ensinamento de que você podia ser injusto; eu não o teria notado logo, se fosse comigo mesmo, porque tinha acumulado tanto sentimento de culpa que lhe dava razão; mas ali, na minha opinião de criança — mais tarde naturalmente corrigida um pouco, embora não muito —, ali havia pessoas estranhas, que afinal trabalhavam para nós, e em troca tinham de viver num medo permanente de você. Evidentemente aí eu exagerava, em verdade porque assumia, sem mais, que você agia sobre elas do mesmo modo aterrador que atuava sobre mim. Se tivesse sido assim, elas efetivamente não teriam podido viver; mas como eram

pessoas adultas, a maioria com nervos excepcionais, descartavam sem esforço os impropérios e finalmente isso prejudicava mais a você do que a elas. Mas para mim essa circunstância tornava a loja insuportável, ela lembrava demais minha relação com você: pondo inteiramente de lado o interesse do empresário e o seu despotismo, já como comerciante você era tão superior a todos os que ali fizeram o seu aprendizado que nenhuma realização deles podia satisfazê-lo; de forma semelhante, você tinha de estar eternamente insatisfeito comigo. Por isso eu pertencia necessariamente ao partido dos empregados, mesmo porque, já por temor, não entendia como era possível insultar um estranho daquele jeito; daí que, por temor, eu quisesse de alguma maneira conciliar os empregados — a meu ver terrivelmente revoltados — com você e a nossa família, em nome da minha própria segurança. Para tanto não bastava mais o comportamento costumeiro, decente, diante do pessoal, nem mesmo o comportamento discreto: eu precisava, antes, ser humilde: não só cumprimentar primeiro, mas demonstrar, o quanto possível, que não exigia a retribuição do cumprimento. E mesmo que eu, personagem insignificante, tivesse, lá embaixo, lambido os pés deles, ainda assim não seria uma compensação pelos golpes que lá de cima você, o senhor, disparava sobre eles. O relacionamento que estabeleci na loja com os semelhantes foi além dela e repercutiu no meu futuro (algo parecido, mas não tão perigoso e profundo como o meu caso era, por exemplo, a predileção de Ottla pelo contato com gente pobre, a intimidade com as empregadas, que tanto o indignava, e coisas do gênero). No fim a loja quase me dava medo e, seja como for, antes ainda de começar o ginásio, ela já não era assunto meu fazia muito tempo, e assim continuei a me distanciar cada vez mais. Parecia-me algo inteiramente inacessível às minhas forças, uma vez que, como você dizia, ela consumia até as suas energias. Você então procurou (ainda hoje isso me comove e envergonha) extrair da minha aversão à loja, à sua obra — aversão que lhe era muito dolorosa — um pouco de doçura, afirmando que me faltava tino comercial, que eu tinha na cabeça ideias mais elevadas e coisas desse estilo. Naturalmente minha mãe ficava satisfeita com essa explicação que você extorquia de si mesmo e até eu, na minha vaidade e aflição, me deixava influenciar por isso. Mas se tivessem sido realmente, ou principalmente, “ideias mais elevadas” as que me apartaram da loja (que agora, mas só agora, eu de fato odeio sinceramente), elas teriam de se manifestar de outro modo, em vez de me fazerem navegar calmo e medroso pelo secundário e pelo estudo de direito, até desembarcar definitivamente

na escrivaninha de funcionário.

Se eu queria fugir de você, tinha também de fugir da família, até de minha mãe. Na realidade sempre era possível encontrar nela proteção, mas só em relação a você. Ela o amava demais e lhe dedicava demasiada fidelidade para que, na luta do filho, pudesse ter por muito tempo um poder espiritual autônomo. Aliás, um instinto certo do filho, pois com os anos minha mãe se tornou ligada a você ainda mais estreitamente; ao passo que sempre conservou, de um modo bonito e delicado, sua autonomia nos limites mínimos daquilo que dizia respeito a si mesma, ela com os anos assumiu cegamente, de uma maneira cada vez mais completa, os seus juízos e preconceitos sobre os filhos, principalmente no caso sem dúvida difícil de Ottla. É preciso ter sempre em mente, é claro, como era desgastante ao extremo a posição de minha mãe na família. Ela tinha se estafado na loja, na casa, tinha sofrido em dobro todas as doenças na família, mas o coroamento de tudo foi o que padeceu na posição de intermediária entre nós e você. Você sempre foi afetivo e atencioso com ela, mas nesse aspecto você a poupou tão pouco como nós a poupamos. Sem contemplação assestamos nossos golpes sobre ela, você do seu lado, nós do nosso. Era um deslocamento, não havia nisso más intenções, só se pensava na luta que travávamos, você conosco, nós com você, e descarregávamos em cima de minha mãe. Tampouco foi uma boa contribuição para a educação dos filhos a maneira como você — naturalmente sem culpa — a atormentou por nossa causa. Na aparência isso até justificava o nosso comportamento com ela, de outro modo injustificável. Quanto ela sofreu de nós por sua causa e de você por nossa causa! Sem contar aqueles casos em que você tinha razão porque ela nos estragava com agrados, embora até essa indulgência pudesse às vezes ter sido apenas uma demonstração silenciosa e inconsciente contra o seu sistema. Evidentemente minha mãe não teria podido suportar tudo se não tivesse extraído do amor a todos nós e da felicidade desse amor a energia para suportar.

Minhas irmãs só me acompanharam em parte. A mais feliz com a própria situação era Valli. Sendo dentre nós a que estava mais próxima da mãe, ela se sujeitava a você de modo análogo, sem muito esforço ou prejuízo. Justamente porque ela lembrava minha mãe, você a acolhia com mais amabilidade, embora nela existisse menos material típico dos Kafka. Mas do seu ponto de vista talvez fosse precisamente isso o certo: onde não havia matéria dos Kafka, nem mesmo você podia exigir uma coisa assim; aqui também não havia de sua parte o sentimento, válido para nós outros, de que se estava perdendo algo que precisava ser resgatado à força. Aliás o elemento Kafka talvez nunca tivesse sido do seu gosto quando ele se manifestava em mulheres. Quem sabe a relação de Valli com você teria sido mais amável se nós não tivéssemos interferido um pouco.

Elli é o único exemplo de êxito quase total de uma evasão do seu círculo. Dela, na infância, era de quem eu menos teria esperado isso. Era uma criança tão morosa, cansada, medrosa, amuada, cheia de culpa, servil, maldosa, preguiçosa, voraz, avarenta, que eu mal podia olhar para ela, dirigir-lhe a palavra, de tanto que me fazia lembrar de mim mesmo, de tanto que se submetia, de um jeito semelhante ao meu, ao jugo da educação. Especialmente sua avareza me era repulsiva, uma vez que em mim ela era, se possível, mais forte ainda. A avareza é sem dúvida um dos sinais mais confiáveis de infelicidade profunda; eu estava tão inseguro de tudo que só possuía, de fato, o que já segurava nas mãos ou na boca, ou que pelo menos estava a caminho, e era exatamente isso o que Elli, que se achava em situação parecida, mais gostava de me tirar. Mas tudo mudou quando, já moça — e isso é o mais importante —, ela saiu de casa, se casou, teve filhos, tornou-se alegre, despreocupada, corajosa, generosa, altruísta, cheia de esperança. É quase inacreditável como você na verdade não notou absolutamente essa mudança, ou de qualquer modo não a avaliou como merecia, tão ofuscado está pelo rancor que sempre teve contra ela e que no fundo permanece inalterado; só que esse rancor agora ficou muito menos atual, uma vez que Elli não mora mais conosco, e da sua parte o amor por Félix e a simpatia por Karl tornaram-no irrelevante como sentimento. Apenas Gerti[14] precisa ainda às vezes pagar por ele.

Sobre Ottla quase não me atrevo a escrever; sei que com isso ponho em jogo todo o efeito almejado desta carta. Em condições normais, ou seja, quando ela não está passando necessidade ou perigo especial, você tem só ódio por ela; pessoalmente já me confessou que,

na sua opinião, ela lhe causa de propósito, permanentemente, dor e raiva e que, quando você sofre por causa dela, ela fica satisfeita e se alegra. Ou seja, uma espécie de demônio. Que estranhamento monstruoso, maior ainda do que entre mim e você, deve ter se interposto entre os dois para que tamanha incompreensão seja possível! Ela está tão longe de você que praticamente não a vê mais, mas coloca um fantasma onde supõe que ela esteja. Admito que os problemas que teve com ela foram particularmente difíceis. Não penetro na essência desse caso tão complicado, mas seja como for existia aqui algo como um Löwy equipado com as melhores armas dos Kafka. Entre nós não houve propriamente uma luta; fui logo liquidado; o que restou foi fuga, amargura, luto, luta interior. Mas vocês dois estavam sempre em pé de guerra, sempre dispostos, sempre providos de todas as forças. Uma visão tão grandiosa quanto desoladora. Nos primeiros tempos ambos certamente estiveram muito próximos, pois ainda hoje Ottla é, de nós quatro, talvez a representação mais pura do matrimônio entre você e minha mãe e das energias que nele se juntaram. Não sei o que os fez perder a felicidade da concórdia entre pai e filho; tendo a crer que a evolução foi semelhante à minha. Do seu lado, a tirania do temperamento, do lado dela a obstinação, a suscetibilidade, o sentimento de justiça, a inquietação dos Löwy, tudo isso sustentado pela consciência da força dos Kafka. Eu bem que a influenciei, embora não por iniciativa própria, mas pelo mero fato da minha existência. Aliás, ela entrou por último nas relações de força já fixadas e conseguiu formar o próprio julgamento a partir do grande material disponível. Posso até imaginar que o ser dela vacilou algum tempo entre lançar-se ao seu peito ou ao dos adversários; ao que parece você cometeu na época algum descuido e a repeliu, mas ambos teriam sido, caso fosse possível, um magnífico casal na concórdia. Eu perderia com isso um aliado, mas a visão de vocês dois iria me ressarcir regiamente; além do que, com a felicidade incomensurável de encontrar pelo menos em um filho a satisfação plena, você teria se transformado muito a meu favor. Entretanto tudo isso é hoje apenas um sonho. Ottla não tem nenhuma ligação com o pai; como eu, precisa procurar sozinha o seu caminho, e o grau a mais em firmeza, autoconfiança, saúde, despreocupação que ela tem em comparação comigo a torna a seus olhos mais malvada e traiçoeira do que eu. Compreendo isso; do seu ponto de vista, Ottla não pode ser diferente. Certamente ela mesma é capaz de se enxergar com os seus olhos, de sentir a sua dor e de, não digo se desesperar — desespero é assunto meu — mas se entristecer muito. Em aparente contradição com isso

você de fato nos vê muitas vezes juntos, cochichando, rindo, e aqui e ali ouve uma menção ao seu nome. A impressão que tem é a de atrevidos conspiradores. Estranhos conspiradores! Seja como for, você é desde sempre um tema central tanto das nossas conversas como dos nossos pensamentos, mas na realidade não nos reunimos para maquinar coisas contra a sua pessoa, e sim para analisar juntos, de longe e de perto, com todo empenho, brincadeira, seriedade, amor, obstinação, ira, aversão, resignação, consciência de culpa, com todas as energias da cabeça e do coração, esse processo terrível que paira entre nós e você, em todos os pormenores, por todos os lados, sob todos os pretextos — processo em que você afirma constantemente ser juiz, embora seja, ao menos no principal (aqui deixo aberta a porta para todos os equívocos, que naturalmente podem me suceder), uma parte tão fraca e ofuscada como nós.

Um exemplo instrutivo da sua influência pedagógica nesse contexto geral foi Irma.[15] Por um lado, ela era certamente uma estranha, já chegou adulta à sua loja, você era antes de mais nada um patrão, portanto ela estava apenas em parte exposta à sua influência e numa idade já apta a oferecer resistência, mas por outro lado era também uma parente consanguínea, respeitava em você o irmão do pai, o seu poder sobre ela era muito maior que o simples poder de um chefe. E apesar disso Irma, que com o seu corpo franzino era tão ativa, esperta, diligente, modesta, confiável, altruísta e fiel, que o amava como tio e admirava como chefe, que antes e depois provou o seu valor em outros empregos, não foi uma funcionária muito boa para você. De fato, diante de você — naturalmente também pressionada por nós — ela estava próxima à posição dos filhos; o poder impositivo da sua personalidade era ainda tão grande que se desenvolveram nela (contudo só diante de você e — espero — sem o sofrimento mais fundo do filho) falta de memória, negligência, humor acre, talvez até mesmo um pouco de teimosia, na medida em que era capaz disso — no que não levo em linha de conta nem o fato de que era doentia nem, de resto, muito feliz, e de que pesava sobre ela uma vida familiar sem consolo. Para mim, a riqueza de referências da sua relação com ela foi resumida por você numa frase quase blasfema, que se tornou clássica entre nós, mas que comprova precisamente a candura do seu modo de tratar as pessoas: “Essa bem-aventurada me deixou um monte de porcaria”.

Ainda poderia descrever outros círculos da sua influência e da luta em sentido contrário, mas aí já entraria em terreno inseguro e teria de inventar; além disso, quanto mais você se distancia dos

negócios e da família, tanto mais amável, flexível, polido, atencioso (quero dizer: também exteriormente) você se torna, do mesmo modo, por exemplo, que um autocrata, quando está fora dos limites do seu país, não tem motivo para continuar sendo tirânico e estabelece relações bondosas até com as pessoas mais humildes. Com efeito, nas fotos em grupos tiradas em Franzensbad, por exemplo, você aparece sempre grande e alegre, entre as pequenas pessoas amuadas, como um rei em viagem. Também os filhos teriam na certa podido tirar proveito disso, se já na infância tivessem sido capazes — o que era impossível — de percebê-lo e se eu, por exemplo, não precisasse viver sempre de algum modo no círculo mais íntimo, mais estrito, mais sufocante da sua influência, como de fato fiz.

Com isso não perdi apenas o sentido de família, como você diz; pelo contrário: sentido de família eu ainda tinha, só que ele era em essência negativo para me separar internamente de você (tarefa naturalmente interminável). Mas as relações com as pessoas fora da família sofriam talvez ainda mais com a sua influência. Você se equivoca por completo se acredita que, por amor e fidelidade, eu faço tudo pelos outros, e por frieza e traição, não faço nada por você e pela família. Repito pela décima vez: mesmo em outras circunstâncias eu teria me tornado um homem acanhado e medroso, mas daí até o ponto aonde realmente cheguei ainda existe um caminho longo e escuro. (Até aqui silenciei de propósito, nesta carta, relativamente pouca coisa, mas, agora e depois, terei de silenciar algumas que ainda me são difíceis demais de confessar. Digo isso para que você, caso a imagem do conjunto fique aqui e ali algo imprecisa, não julgue que a culpa é da falta de provas; pelo contrário, existem provas que poderiam tornar a imagem insuportavelmente crua. Não é fácil encontrar um meio-termo.) Aliás, aqui basta recordar coisas ditas anteriormente: eu perdi a autoconfiança, que foi substituída por uma ilimitada consciência de culpa. (Lembrando-me dessa falta de limites, certa vez escrevi acertadamente sobre alguém: "Teme que a vergonha sobreviva a ele".[16]) Eu não podia sofrer uma súbita metamorfose, ao entrar em contato com outras pessoas; pelo contrário, ficava com uma consciência de culpa ainda mais profunda em relação a elas, pois, como disse, precisava reparar os danos que, com a minha cumplicidade, você lhes havia causado. Além disso, você sempre tinha alguma objeção aberta ou velada contra quem quer que eu frequentasse, e também por isso eu precisava pedir desculpas. A desconfiança que você procurou me ensinar, na loja e na família, contra a maioria das pessoas (aponte-me uma só, de algum modo

importante para mim na infância, que você

ao menos uma vez não tenha criticado de alto a baixo) e que curiosamente não o incomodava nem um pouco (você era forte o suficiente para suportá-la e além do mais ela na realidade talvez não passasse de um emblema do soberano) — essa desconfiança, que enquanto eu era pequeno não se confirmou aos meus próprios olhos em lugar nenhum, uma vez que eu via em toda parte apenas pessoas inalcançavelmente distintas, transformou-se na minha cabeça em desconfiança de mim mesmo e em medo permanente dos outros. No geral, portanto, eu na certa não podia me salvar da sua influência. O fato de que nesse ponto você se enganava talvez se devesse à circunstância de que na realidade não sabia de nada a respeito das minhas relações pessoais, supondo, desconfiado e ciumento (acaso nego que goste de mim?), que eu tinha de me compensar em alguma parte pela evasão da vida familiar, já que de fato seria impossível que eu vivesse da mesma maneira lá fora. Nesse sentido, aliás, ainda na minha infância eu tinha um certo consolo justamente na desconfiança pelo meu julgamento; eu me dizia: "Você decerto exagera, e como os jovens sempre fazem, sente demais que as pequenas coisas são grandes exceções". Mas depois que se ampliou minha visão do mundo, praticamente perdi esse consolo.

Tampouco o judaísmo pôde me salvar de você. Aqui sem dúvida seria pensável a salvação em si mesma; mas teria sido ainda mais pensável que ambos tivéssemos um ponto de partida comum. Mas que judaísmo foi o que recebi de você! No decorrer dos anos eu me situei diante dele mais ou menos de três maneiras diferentes.

Quando menino eu me recriminava, em consonância com você, porque não ia bastante ao templo, não jejuava e assim por diante. Acreditava desse modo cometer uma falta não só contra mim, mas também contra você, quando então me invadia a consciência de culpa, que estava sempre pronta.

Mais tarde, quando adolescente, eu não entendia como você, com o nada de judaísmo de que dispunha, podia me recriminar pelo fato de não me esforçar (mesmo que fosse por piedade, como você se exprimia) para realizar um nada semelhante ao seu. Até onde posso ver, era realmente um nada, uma brincadeira, nem mesmo isso. Você ia ao templo quatro dias por ano e nele ficava no mínimo mais próximo dos indiferentes do que daqueles que o faziam a sério, livrando-se, pachorrento, das orações como formalidade, causando-me às vezes espanto por conseguir me mostrar no livro de orações a passagem que estava sendo recitada; de resto eu podia, quando estava

no templo (o principal era isso), divagar como quisesse. Em meio, pois, a bocejos e cabeçadas de sono, eu passava horas e horas ali (só me entediei assim mais tarde, acho eu, nas aulas de dança), procurando na medida do possível me alegrar com as pequenas variações que lá ocorriam, por exemplo quando abriam a Arca da Aliança, o que sempre me lembrava as barracas de tiro ao alvo, onde também se abria uma porta de armário quando se acertava no alvo, só que lá de dentro sempre saía alguma coisa interessante e aqui sempre as mesmas velhas bonecas sem cabeça.[17] Aliás, no templo eu sentia também muito medo, não apenas, como era óbvio, das inúmeras pessoas com as quais se entrava em contato mais estreito, mas também porque certa vez você mencionou de passagem que até eu podia ser chamado para ler a Torá. Durante anos tremi diante dessa possibilidade. No mais, porém, meu tédio não foi essencialmente perturbado, a não ser no máximo pelo *bar mitzvá*,[18] que no entanto só exigia um ridículo esforço de decorar e que portanto só levava a uma prova ridícula; depois, no que dizia respeito a você, por pequenos incidentes pouco importantes, por exemplo, quando era chamado para ler a Torá e se saía bem nesse acontecimento que no meu modo de sentir era exclusivamente social, ou quando na Reza dos Mortos você permanecia no templo e eu era mandado embora, o que durante muito tempo, evidentemente por causa de ser mandado embora e da falta de uma participação mais profunda, suscitava em mim o sentimento — que mal chegava à consciência — de que aqui se tratava de algo indecente. Assim era no templo, e em casa se possível pior ainda, limitando-se ao primeiro *seder*,[19] que se tornava cada vez mais uma comédia com acessos de riso, sem dúvida por influência dos filhos que cresciam. (Por que você precisava se submeter a essa influência? Porque a tinha provocado.) Esse, pois, o material de fé que me foi transmitido, ao qual se acrescentava no máximo a mão estendida apontando para “os filhos do milionário Fuchs”, que iam ao templo nas grandes solenidades em companhia do pai. Eu não entendia que com esse material se pudesse fazer coisa melhor do que se desfazer dele o mais rápido possível; para mim livrar-se disso parecia ser justamente a ação mais piedosa.

Ainda mais tarde, no entanto, encarei as coisas de outro modo e entendi por que você podia acreditar que também neste aspecto eu o traía malevolamente. Da pequena comunidade aldeã, semelhante a um gueto, você tinha de fato trazido um pouco de judaísmo; não era muito e um tanto se perdeu na cidade e no serviço militar; mesmo assim as impressões e as lembranças da juventude bastavam, em

escassa medida, para uma espécie de vida judaica, especialmente porque você não necessitava desse tipo de ajuda: era de uma estirpe muito forte e dificilmente a sua pessoa podia ser abalada por escrúpulos religiosos quando estes não estavam muito misturados com escrúpulos sociais. No fundo, a fé que guiava sua vida consistia em acreditar na correção indiscutível das opiniões de uma determinada classe social judaica; portanto, na medida em que essas opiniões faziam parte do seu ser, você na realidade acreditava em si mesmo. Também aí ainda havia bastante judaísmo, mas para ser transmitido ao filho era muito pouco, e enquanto você o transmitia ele foi-se perdendo lentamente até a última gota. Eram em parte impressões intransferíveis da juventude, em parte o seu temido ser. Impossível também tornar compreensível a um filho com uma capacidade de observação exacerbada por puro medo que as poucas futilidades que você praticava em nome do judaísmo — com uma indiferença correspondente a elas — podiam ter um sentido mais alto. Para você elas tinham sentido como pequenas recordações dos tempos passados e por isso queria transmiti-las a mim; mas uma vez que também para você elas não tinham valor intrínseco, isso só era possível através da insistência ou da ameaça; por um lado, a coisa não podia dar certo, por outro, na medida em que aqui você não reconhecia de modo algum a fraqueza da sua posição, tinha de ficar furioso comigo por causa da minha aparente teimosia.

Certamente esse conjunto não é um fenômeno isolado; sucedia coisa semelhante a uma grande parte dessa geração de transição de judeus que emigraram do campo ainda relativamente religioso para as cidades; era um resultado espontâneo, só que acrescentava à nossa relação, na qual por certo não faltavam atritos, mais um, bastante doloroso. Por outro lado, também aqui você deve, da mesma maneira que eu, acreditar na sua ausência de culpa, mas precisa explicá-la pelo seu modo de ser e pelas relações históricas, e não meramente pelas circunstâncias externas; portanto, não dizer que, por exemplo, teve trabalho e preocupações demais para poder além disso se ocupar dessas questões. Era desse modo que costumava virar as coisas e transformar a sua inquestionável ausência de culpa numa acusação injusta contra os outros. É muito fácil rebater isso em qualquer parte e aqui também. Com certeza não se tratava de algum ensinamento que você devesse ter dado aos seus filhos, mas sim de uma vida exemplar; se o seu judaísmo tivesse sido mais forte, o seu exemplo também teria sido mais convincente; isso é óbvio e mais uma vez não constitui, de modo algum, uma recriminação, apenas uma defesa contra as

recriminações que você faz. Não faz muito tempo, você leu as memórias de juventude de Franklin.[20] Realmente eu as dei de propósito para que as lesse; não porém, como você observou com ironia, por causa da relação entre o autor e seu pai, tal como ela é ali descrita, e da relação entre o autor e seu filho, tal como ela se manifesta claramente nessas recordações escritas para o filho. Mas não quero destacar nenhum detalhe.

Recebi uma certa confirmação posterior dessa concepção do seu judaísmo também através do seu comportamento nos últimos anos, quando lhe pareceu que eu me ocupava mais com os assuntos judaicos. Como você tem, de antemão, antipatia por qualquer ocupação minha, e particularmente pela maneira como esse interesse se expressa, também neste caso você a sentiu. Mas mesmo assim seria possível esperar que aqui você fizesse uma pequena exceção. Sem dúvida era o judaísmo do seu judaísmo que aí revivia e com ele também a possibilidade de estabelecer novas relações entre nós. Não nego que essas coisas, caso você tivesse mostrado interesse por elas, teriam, justamente por isso, se tornado suspeitas para mim. É claro que não me ocorre querer afirmar que neste aspecto eu seja de algum modo melhor que você. Mas à comprovação disto nunca se chegou. Por meu intermédio o judaísmo se tornou repulsivo para você, os escritos judaicos, “ilegíveis”, “causavam-lhe asco”. Isso podia significar que você insistia em que a única coisa certa era exatamente o judaísmo que me havia mostrado na minha infância; além dele não existia nada. Mas que você insistisse nisso era uma coisa quase inconcebível. Sendo assim o “asco” (sem levar em conta que ele se dirigia em primeiro lugar não contra o judaísmo, mas contra a minha pessoa) só podia significar que você reconhecia inconscientemente a fragilidade do seu judaísmo e da minha educação judaica, e não queria de forma alguma ser lembrado disso, reagindo a qualquer lembrança com ódio declarado. Aliás, a sua supervalorização negativa do meu novo judaísmo era muito exagerada; em primeiro lugar, ele já incluía a sua maldição e, em segundo — uma vez que a relação fundamental com os semelhantes era decisiva para o seu desenvolvimento —, no meu caso ele foi mortal.

Com a sua antipatia você atingiu, de modo mais certeiro, a minha atividade de escritor e as coisas relacionadas com ela, que lhe eram desconhecidas. Aqui de fato eu me havia distanciado com certa autonomia, embora lembrasse um pouco a minhoca que, esmagada por um pé na parte de trás, se liberta com a parte dianteira e se arrasta para o lado. De certa maneira eu estava em segurança, havia

um sopro de alívio, a aversão que naturalmente você logo teve pelo que eu escrevia foi neste ponto excepcionalmente bem-vinda. É fato que minha vaidade e minha ambição sofriam com a acolhida que dava aos meus livros, famosa entre nós: "Ponha em cima do criado-mudo!" (em geral você estava jogando baralho quando chegava um livro), mas no fundo eu me sentia bem com isso, não só por uma maldade que se insurgia, não só por júbilo com uma nova confirmação do modo como eu concebia a nossa relação, mas sim porque, bem na sua origem, aquela fórmula soava para mim mais ou menos como: "Agora você está livre!". Tratava-se, é claro, de um engano: nem eu era livre nem, no melhor dos casos, ainda não o era. Meus escritos tratavam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito. Eram uma despedida intencionalmente prolongada de você; só que ela, apesar de imposta por você, corria na direção definida por mim. Mas como tudo isso era pouco! Só vale a pena falar a esse respeito porque aconteceu na minha vida, em qualquer outro lugar essa atividade não seria absolutamente notada, e mesmo assim porque dominava minha vida, na infância como pressentimento, mais tarde como esperança, mais tarde ainda como desespero, ditando-me — se se quiser, novamente de acordo com o seu figurino — minhas poucas e pequenas decisões.

Por exemplo, a escolha da profissão. Claro, aqui você me deu plena liberdade, à sua maneira generosa e neste sentido até paciente. Não obstante, também neste caso você seguiu o tratamento geral dispensado aos filhos pela classe média judaica, ou pelo menos os juízos de valor dessa classe, tratamento que lhe servia de modelo. No final, ainda aqui, interveio um dos seus mal-entendidos sobre a minha pessoa. É que por orgulho de pai, por desconhecimento da minha verdadeira natureza, por influência da minha fragilidade você sempre me considerou particularmente trabalhador. Na sua opinião, estudei sem parar quando era criança e mais tarde escrevi sem parar. Ora, nem de longe isso é verdade. Pode-se dizer, pelo contrário, com muito menos exagero, que estudei pouco e não aprendi nada; não é de admirar muito que alguma coisa tenha ficado, em tantos anos, com uma memória mediana e uma capacidade de compreensão que não é das piores; mas de qualquer forma o resultado geral em conhecimento, e sobretudo em fundamentação do conhecimento, é extremamente lastimável diante do dispêndio de tempo e dinheiro, principalmente em comparação com quase todas as pessoas que eu conheço. É lastimável, mas para mim compreensível. Desde que comecei a pensar, tive uma preocupação tão profunda com a afirmação espiritual da

minha existência que tudo o mais me foi indiferente. Os ginasianos judeus entre nós são muito estranhos, encontra-se aí o que há de mais inverossímil, mas a minha indiferença — fria, apenas velada, indestrutível, infantilmente desamparada, chegando às raias do ridículo, de uma autossatisfação animal, num menino parcamente dotado de fantasia como eu —, isso não voltei a ver em lugar nenhum; no entanto aqui ela era a única proteção contra o desgaste dos nervos provocado pelo medo e pela consciência de culpa. Eu só me ocupava da preocupação comigo mesmo, mas ela assumia diversas formas. Por exemplo, preocupação com a minha saúde; começou leve, de vez em quando me assaltava um pequeno temor por causa da digestão, da queda dos cabelos, de um desvio da coluna e assim por diante; ela aumentava em gradações incontáveis, até no fim acabar numa doença real. Mas uma vez que eu não estava seguro de coisa alguma, como precisava obter de cada instante uma nova confirmação da minha existência e não possuía nada de um modo próprio, indubitável, exclusivo, decidido apenas por mim — um filho deserdado, na verdade —, era natural que até a coisa mais próxima, o próprio corpo, se tornasse incerto para mim; cresci e espichei para cima, mas não sabia o que fazer com isso, o fardo era pesado demais, a coluna ficou encurvada; mal ousava me mover, menos ainda fazer exercícios, e permaneci fraco; tudo aquilo de que dispunha me espantava como um milagre, por exemplo minha boa digestão; isso foi o bastante para perdê-la, e assim ficou aberto o caminho para toda hipocondria, até que, com o esforço sobre-humano de querer casar (vou ainda falar sobre isso), o sangue me saiu dos pulmões, para o que deve ter contribuído o apartamento do palácio Schönborn[21] — do qual eu precisava só porque o achava necessário para escrever, e é por isso que ele também deve constar desta carta. Portanto nada provinha do trabalho excessivo, como você sempre imagina. Houve anos em que, com plena saúde, passei vegetando no canapé mais tempo do que você a vida inteira, incluindo todas as doenças. Quando eu corria de você, sumamente atarefado, era, na maioria das vezes, para ficar deitado no meu quarto. Tanto no escritório (onde entretanto a preguiça não chama muito a atenção e onde, além disso, ela era mantida dentro de limites pelo meu medo) como em casa, meu rendimento geral era mínimo; você ficaria horrorizado se tivesse uma ideia geral a esse respeito. Provavelmente não sou preguiçoso por natureza, mas eu não tinha nada para fazer. Onde quer que vivesse, eu me sentia recriminado, condenado, batido, e na verdade o meu maior esforço era fugir para qualquer outro lugar, mas isso não era trabalho, pois se

tratava de algo impossível e, com raras exceções, inacessível às minhas forças.

Foi nesse estado, pois, que recebi a liberdade de escolher uma profissão. Mas será que eu ainda era realmente capaz de usar essa liberdade? Julgava-me ainda em condições de chegar a ter uma verdadeira profissão? Minha autoavaliação era muito mais dependente de você do que de qualquer outra coisa, por exemplo de um êxito externo. Este era o reforço de um instante, mais nada, no entanto do outro lado o seu peso me puxava para baixo com muito mais vigor. Eu pensava: nunca vou passar do primeiro ano primário, mas consegui e até recebi um prêmio; certamente porém não vou ser aprovado na admissão ao ginásio, mas fui bem-sucedido; agora entretanto vou sem dúvida fracassar no primeiro ano ginasial — não, não fracassei, e assim continuei sempre em frente. Mas o efeito não foi um incremento de confiança; pelo contrário, sempre estive convencido — e tinha a prova formal disso na sua cara de rejeição — de que quanto mais êxito tivesse, pior deveria ser o resultado final. Muitas vezes eu via mentalmente a medonha assembleia de professores (o ginásio é apenas o exemplo mais homogêneo, mas por toda parte ao meu redor era parecido), que iria se reunir quando eu tivesse passado a primeira série, ou seja, estivesse na segunda; quando tivesse passado esta, ou seja, na terceira, e assim por diante — para investigar esse caso único, que clamava ao céu, e perguntar como eu, o mais incapaz e seja como for o mais ignorante, tinha conseguido chegar sub-repticiamente até aquela série; e uma vez que a atenção geral estava voltada para mim, eles naturalmente me cuspiriam fora sem mais delongas, para júbilo de todos os justos libertados desse pesadelo. Para uma criança não é fácil viver com essas imagens. Em tais circunstâncias, que me importavam as aulas? Quem era capaz de arrancar de mim uma fagulha de interesse? Para mim as aulas — e não só elas, mas tudo em volta, nessa idade decisiva — interessavam mais ou menos como interessam a um funcionário de banco que deu um desfalque, mas que ainda está no emprego e treme de medo de ser descoberto, as pequenas operações correntes do negócio bancário que ele ainda precisa realizar como funcionário. Tudo tão pequeno, tão distante em relação ao essencial. Assim continuaram as coisas até o exame final do curso secundário, no qual realmente só fui aprovado graças em parte à fraude, e então tudo estacou: agora eu estava livre. Se a despeito da coerção do ginásio e do colégio eu já me preocupava só comigo mesmo, como seria agora, que estava livre? Para mim, portanto, não houve propriamente liberdade de escolha da profissão, pois eu sabia

que diante do essencial tudo me seria tão indiferente como todas as matérias letivas do secundário; tratava-se pois de encontrar uma profissão que, sem ferir demais a minha vaidade, permitisse, mais que qualquer outra, essa indiferença. O mais natural, portanto, era direito. Pequenas tentativas em sentido contrário, nascidas da vaidade e da esperança insensata, como duas semanas de estudo de química, meio ano de estudos germanísticos, só fortaleciam aquela convicção básica. Estudei, pois, direito. Isso significava que nos poucos meses antes das provas, com régio prejuízo dos nervos, eu alimentava o espírito literalmente de serragem, que além do mais já tinha sido mastigada por mil bocas antes de mim. Mas em certo sentido isso me sabia bem — justamente como antes, num certo sentido, também o secundário e, mais tarde, a profissão de burocrata, pois tudo correspondia perfeitamente à minha situação. Seja como for, mostrei aqui uma previsão espantosa: quando menino já tinha pressentimentos suficientemente claros a respeito de estudos e profissão. A partir daí não esperava nenhuma salvação, fazia muito tempo que havia renunciado a ela.

Mas não mostrei previsão alguma a respeito do significado e da possibilidade de um casamento: para mim esse terror, até agora o maior da minha vida, sobreveio de maneira quase inteiramente inesperada. O menino tinha evoluído tão devagar, essas coisas estavam tão apartadas dele, de vez em quando se manifestava a necessidade de pensar nisso, mas não era possível reconhecer que aqui se preparava uma prova duradoura, decisiva, até mesmo a mais amarga de todas. Mas na realidade as tentativas de casamento se tornaram a tentativa de salvação mais grandiosa e mais cheia de esperança, e o fracasso depois foi com certeza de uma grandiosidade correspondente.

Uma vez que nessa área tudo me sai mal, temo que também não vou conseguir tornar compreensível a você minhas tentativas de casamento. E no entanto o êxito de toda esta carta depende disso, pois por um lado tudo aquilo de que eu dispunha em forças positivas se reunia nessas tentativas e, por outro, aqui também se juntavam, com verdadeira fúria, todas as forças negativas que eu descrevi como sequelas da sua educação, ou seja, a fraqueza, a falta de autoconfiança, a consciência de culpa, que literalmente estendiam um cordão de isolamento entre mim e o casamento. A explicação também será difícil porque repensei e revolvi tudo sem cessar, durante dias e noites, de tal modo que agora a visão é confusa até para mim. A explicação só me fica facilitada pela compreensão, a meu ver

totalmente equivocada, que você tem do problema; não parece demasiado difícil corrigir, um pouco, mal-entendido tão completo.

Em primeiro lugar, você inclui na lista dos meus outros fracassos o malogro diante do casamento; eu não teria nada contra isso desde que você aceitasse a explicação que dei até agora do meu insucesso. De fato ele entra na lista só porque você deprecia o significado da questão — e o deprecia de tal forma que nós, quando conversamos a respeito, na verdade falamos de coisas inteiramente diferentes. Ouso dizer que em toda a sua vida não aconteceu nada que tivesse assumido um tal significado para você como, para mim, as tentativas de casamento. Não quero dizer com isso que você não tenha vivido nada tão importante; pelo contrário, sua vida foi muito mais rica, cheia de preocupações e densa do que a minha, mas exatamente por isso não lhe aconteceu nada dessa natureza. É como se alguém tivesse de subir cinco degraus de escada e uma segunda pessoa apenas um degrau, mas que, pelo menos para ela, é tão alto quanto aqueles cinco juntos; o primeiro vai vencer não só os cinco degraus, mas também centenas e milhares de outros, terá levado uma vida ampla e muito fatigante, porém nenhum dos degraus que subiu terá sido para ele tão importante como, para o segundo, aquele degrau único, primeiro, alto, impossível de escalar com as forças todas de que dispõe, e que ele não só não pode subir como tampouco passar por cima.

Estou convencido de que casar, fundar uma família, acolher todos os filhos que vierem, mantê-los neste mundo inseguro e guiá-los um pouco, é o máximo que um homem pode em geral conseguir. O fato de serem tantos os que o conseguem não é uma prova em contrário, pois em primeiro lugar efetivamente não são muitos os que conseguem, e em segundo esses poucos não o "fazem", simplesmente "acontece" com eles; na verdade não é aquele máximo, mas é algo muito grande e muito honroso (principalmente porque "fazer" e "acontecer" não se deixam distinguir nitidamente um do outro). E afinal também não se trata de modo algum desse máximo, e sim de alguma aproximação remota, porém decente; sem dúvida não é necessário voar para o meio do sol, mas ir rastejando até um lugarzinho limpo sobre a terra, onde ele às vezes brilha e onde é possível se aquecer um pouco.

Como é que eu estava preparado para isso? Da pior maneira possível. Já se pode deduzi-lo do que foi dito até aqui. Mas até o ponto em que existe uma preparação direta do indivíduo e uma criação direta das condições básicas gerais, você exteriormente interveio pouco. Também não há outra possibilidade, pois aqui decidem os costumes sexuais gerais da classe, do povo e da época. Seja

como for, também aí você interveio, não muito, pois o pressuposto para essa intervenção só pode ser a forte confiança mútua, e ela nos faltou a ambos já muito antes do momento decisivo; e não foi uma intervenção muito feliz porque nossas necessidades eram completamente diferentes: o que me arrebata é capaz de deixá-lo quase insensível e vice-versa; o que em você é inocência, em mim pode ser culpa e vice-versa; o que para você não tem consequências pode ser a tampa do meu caixão.

Eu me recordo: certa vez estava passeando à noite com você e minha mãe; era na Josefsplatz, perto do atual Banco das Províncias, e eu comecei a falar tolamente, com empáfia, superioridade, orgulho, sobriedade (falsa), frieza (autêntica) e gaguejando, como na maioria das vezes falava com você, sobre coisas de interesse, recriminei-os pelo fato de ter sido deixado na ignorância, de que só os meus colegas de classe precisaram se dar conta de que eu tinha chegado perto de grandes perigos (aqui, à minha maneira, menti vergonhosamente, para me mostrar corajoso, pois em decorrência da minha timidez não tinha uma ideia mais precisa dos “grandes perigos”), mas para concluir insinuei que agora felizmente já sabia de tudo, não precisava mais de conselho e as coisas estavam em ordem. Seja como for, eu tinha começado a falar daquilo porque me dava gosto, pelo menos de falar a respeito, mas depois também por curiosidade e finalmente para de algum modo me vingar em vocês de alguma coisa.

De acordo com a sua natureza, você conduziu o assunto de um modo muito simples, disse apenas mais ou menos que poderia me dar um conselho sobre como eu poderia fazer essas coisas sem perigo. Talvez eu tivesse querido justamente provocar uma resposta assim, que sem dúvida correspondia à lubricidade do menino supernutrido de carne e de todas as coisas boas, fisicamente inativo e eternamente preocupado consigo mesmo, mas apesar disso o meu pudor ficou tão ferido — ou então eu acreditava que devia estar tão ferido assim — que contra a minha vontade não pude mais falar sobre aquilo com você e interrompi a conversa com uma altiva insolência.

Não é fácil julgar a resposta que então você me deu: por um lado ela sem dúvida tinha algo de brutalmente franco, de certo modo primitivo, mas por outro, quanto ao ensinamento propriamente dito, ela é de uma desenvoltura muito do nosso tempo. Não sei que idade eu então tinha, certamente não mais que dezesseis anos. Mas para um rapaz como eu era uma resposta muito curiosa — e a distância entre nós dois se mostra também no fato de que era em verdade o primeiro ensinamento direto, de alcance para a vida, que eu recebia de você.

Mas o seu verdadeiro sentido, que já então mergulhou no meu ser e que só muito mais tarde me veio pela metade à consciência, era o seguinte: aquilo que me aconselhava — na sua opinião e mais ainda na minha opinião da época — era a coisa mais suja que havia. O fato de você querer impedir que eu trouxesse para casa sujeira no corpo era secundário; com isso protegia só a si próprio e a sua casa. O essencial era muito mais que você ficava *fora* do seu conselho, um homem casado, um homem limpo, superior a essas coisas; para mim, provavelmente, naquela época, isso se agravava mais ainda pela circunstância de que também o casamento me parecia desavergonhado e que, portanto, era impossível que eu aplicasse aos meus pais o que eu tinha ouvido sobre o casamento em geral. Desse modo você se tornava mais puro ainda, elevava-se ainda mais. A ideia de que tivesse podido dar, também a si mesmo, um conselho semelhante antes do casamento me era totalmente impensável. Assim, pois, não havia quase nenhum restinho de sujeira terrena em você. E, no entanto, com algumas palavras francas você me atirava nessa sujeira como se eu estivesse destinado a ela. Pois o mundo consistia apenas em mim e você — uma ideia a que muito me inclinava —, então essa pureza do mundo acabava em você e comigo começava a sujeira, por força do seu conselho. A rigor era incompreensível que você me condenasse assim; a única coisa que me poderia tornar isso claro era a antiga culpa e o mais profundo desprezo da sua parte. Desse modo, portanto, eu era outra vez agarrado no mais íntimo do meu ser — e muito duramente.

Talvez seja aqui também o ponto em que a ausência de culpa de ambos fica mais clara. A dá a B um conselho franco, correspondente à sua concepção de vida, não muito bonito, mas de qualquer modo ainda hoje perfeitamente usual na cidade e que talvez impeça prejuízos à saúde. Moralmente esse conselho não é muito reconfortante para B, mas não há razão alguma para que, no curso dos anos, ele não se recupere do dano; de mais a mais, ele certamente não precisa seguir o conselho e, seja como for, não há no próprio conselho nenhum motivo para que todo o mundo futuro de B desmorone. E no entanto alguma coisa assim aconteceu, mas só porque você é A e eu sou B.

Consigo ter uma visão global particularmente boa dessa ausência de culpa de ambos os lados porque, cerca de vinte anos mais tarde, voltou a ocorrer, em condições completamente diferentes, uma colisão semelhante entre nós — horrenda como fato concreto, mas em si mesma muito menos danosa, pois afinal onde havia em mim, aos

trinta e seis anos de idade, alguma coisa que ainda pudesse ser danificada? Refiro-me a um breve pronunciamento seu num dos dias agitados depois da comunicação do meu último projeto de casamento. Você me disse mais ou menos o seguinte: “Provavelmente ela vestiu alguma blusa escolhida, como sabem fazer as judias de Praga, e naturalmente você logo decidiu casar com ela. E na verdade o mais rápido possível, numa semana, amanhã, hoje. Eu não o entendo, você já é uma pessoa adulta, vive na cidade, e não lhe ocorre coisa melhor do que se casar imediatamente com qualquer uma que aparece. Será que não existem outras possibilidades? Se você tem medo, eu o acompanho pessoalmente”. Você falou isso de um modo mais minucioso e mais claro, mas já não consigo me lembrar dos pormenores, talvez a minha vista tenha ficado um pouco nublada, minha mãe quase me despertava mais interesse quando — não obstante estivesse completamente de acordo com você — pegou alguma coisa da mesa e saiu com ela da sala. Dificilmente você me humilhou mais fundo com palavras do que dessa vez, nunca o seu desprezo se mostrou mais nítido para mim. Quando, vinte anos antes, você falou comigo de forma semelhante, seria possível ver naquilo, inclusive com os seus olhos, um pouco de respeito pelo jovem precoce da cidade que, na sua opinião, já podia ser introduzido sem rodeios na vida. Hoje essa consideração poderia aumentar ainda mais o desprezo, pois o jovem, que na época tomava impulso, ficou empacado nele, e atualmente você o vê não mais rico em experiências, mas sim vinte anos mais deplorável. O fato de eu ter me decidido por uma moça não significa absolutamente nada para você. Você (inconscientemente) sempre manteve lá embaixo minha capacidade de decisão, e acreditava agora (inconscientemente) saber o que ela valia. Das minhas tentativas de salvação em outras direções você não sabia nada, por isso também não podia saber nada dos raciocínios que me haviam levado a essa decisão de me casar; precisava tentar adivinhá-los e, de acordo com o julgamento geral que tinha a meu respeito, me aconselhou o que há de mais abominável, grosseiro e ridículo. E não hesitou um só instante em me dizer isso exatamente daquela maneira. A vergonha que assim me causou não era nada em comparação com a vergonha que, na sua opinião, eu iria infligir ao seu nome com esse casamento.

Ora, você pode me responder muitas coisas — e já o fez — sobre minhas tentativas de casamento: não seria possível ter muito respeito pela minha decisão, já que duas vezes desfiz e duas vezes assumi o noivado com F.,[22] e já que arrastei inutilmente a Berlim você e minha

mãe para o noivado e coisas desse tipo. É tudo verdade, mas como se chegou a isso?

A ideia básica das duas tentativas de casamento era inteiramente correta: estabelecer um lar, ficar independente. Uma ideia que certamente lhe é simpática, só que na realidade ela não se realiza, à maneira do jogo infantil em que um segura a mão do outro, inclusive apertando-a, e grita: “Vá embora, vá embora! Por que você não vai embora?”. O que, neste caso, se complicou, porque o “vá embora!” sempre foi dito com sinceridade, uma vez que desde sempre, sem o saber, apenas pela força do seu temperamento, você me retinha, ou melhor: me subjugava.

As duas moças[23] foram de fato escolhidas por casualidade, mas extremamente bem escolhidas. Mais

um indício da sua compreensão totalmente equivocada é o fato de que você possa crer que eu, o medroso, o hesitante, o desconfiado, me decida de um golpe por um casamento, fascinado talvez por uma blusa. Pelo contrário, ambos os casamentos teriam se tornado casamentos dirigidos pela razão, na medida em que toda a força do meu raciocínio foi dia e noite empregada nesse plano, a primeira vez durante anos, a segunda vez durante meses.

Nenhuma das moças me decepcionou, só eu as decepcionei. Meu juízo sobre elas é exatamente o mesmo do tempo em que queria desposá-las.

Não é que na segunda tentativa de casamento eu tenha desconsiderado as experiências da primeira, ou seja: que tenha sido leviano. Os dois casos eram completamente diferentes um do outro, justamente as experiências anteriores podiam ter-me dado esperança no segundo caso, que tinha perspectivas mais ricas. Não quero aqui entrar em detalhes.

Por que então não me casei? Havia obstáculos específicos, como em toda parte, mas a vida consiste exatamente em aceitar tais espetáculos. O obstáculo essencial, porém — infelizmente autônomo em relação ao caso individual —, era que, do ponto de vista espiritual, sou manifestamente incapaz de me casar. Isso se expressa no fato de que, a partir do momento em que decido me casar, não consigo dormir, a cabeça arde dia e noite, isto já não é vida, fico oscilando desesperado de um lado para outro. Não são propriamente as preocupações que provocam isso, na verdade correm juntas inúmeras preocupações, de acordo com a minha melancolia e meticulosidade, mas não são elas o decisivo; na verdade elas levam a cabo, como os vermes, o trabalho no cadáver; o que me atinge de modo decisivo é

outra coisa. É a pressão generalizada do medo, da fraqueza, do autodesprezo.

Quero tentar explicá-lo melhor: na tentativa de casamento confluem, nas minhas relações com você, duas coisas aparentemente opostas, tão fortes como em nenhuma outra parte. O casamento é certamente a garantia da mais nítida autolibertação e independência. Eu teria uma família, o máximo que na minha opinião se pode alcançar, ou seja: também o máximo que você alcançou; eu seria igual a você, a velha e eternamente nova vergonha seria apenas uma história. Com certeza seria fabuloso, mas é justamente aí que está o problema. É algo excessivo, não se pode conseguir tanta coisa assim. É como se alguém estivesse aprisionado e tivesse não só a intenção de fugir — o que talvez fosse realizável — mas também, e na verdade ao mesmo tempo, a de transformar, para uso próprio, a prisão num castelo de prazeres. Mas se ele foge, não pode fazer essa transformação, e se a faz, não pode fugir. Se eu quiser me tornar independente, na relação especial de infelicidade em que me encontro com você, preciso fazer alguma coisa que não tenha a menor ligação possível com a sua pessoa; o casamento é sem dúvida o que há de maior, e confere a autonomia mais honrosa; mas também está, ao mesmo tempo, na mais estreita vinculação com você. Por esse motivo, querer sair daí tem algo de delirante, e qualquer tentativa é quase punida com a loucura.

É justamente essa relação estreita que também me atrai para o casamento. A igualdade que então surgiria entre nós, e que você poderia compreender como nenhuma outra, eu a imagino tão bela porque então seria um filho livre, grato, sem culpa, sincero, e você um pai sem angústia, não despótico, compreensivo, satisfeito. Mas para chegar a esse objetivo, tudo o que aconteceu teria de ser desfeito, isto é: nós mesmos teríamos de ser apagados. Assim como somos, porém, o casamento me está vedado pelo fato de que ele é precisamente o seu domínio mais próprio. Às vezes imagino um mapa-múndi aberto e você estendido transversalmente sobre ele. Para mim, então, é como se entrassem em considerações apenas as regiões que você não cobre ou que não estão ao seu alcance. De acordo com a imagem que tenho do seu tamanho, essas regiões não são muitas nem muito consoladoras, e o casamento não está entre elas.

Já esta comparação prova que não quero de modo algum dizer que, com o seu exemplo, você me expulsou do casamento, mais ou menos do mesmo modo que me afugentou da loja. Pelo contrário — a despeito de qualquer remota semelhança. Para mim, o casamento de

vocês foi, em muitos aspectos, um modelo, na fidelidade, na ajuda mútua, no número de filhos; e mesmo depois, quando os filhos ficaram grandes e perturbaram cada vez mais a paz, o casamento como tal permaneceu incólume. Talvez tenha sido exatamente nesse exemplo que também se formou o meu alto conceito do casamento; o fato de que o anseio por ele foi impotente com certeza tinha outros motivos. Eles estavam radicados na sua relação com os filhos, o que na verdade é o tema de toda esta carta.

Existe uma opinião segundo a qual o medo ao casamento às vezes deriva do temor de que os filhos mais tarde farão a pessoa pagar pelos pecados que cometeu contra os próprios pais. Creio que no meu caso isso não tem maior significado, pois a minha consciência de culpa na verdade provém de você e também está demasiadamente impregnada da própria singularidade; esse sentimento de singularidade sem dúvida faz parte da sua torturante natureza, e uma repetição é inimaginável. Devo contudo dizer que um filho assim, mudo, apático, seco, arruinado, seria insuportável para mim; se não houvesse nenhuma outra possibilidade, eu decerto fugiria dele, emigraria, como você queria fazer por causa do meu casamento. Portanto, a minha incapacidade para casar também pode estar influenciada por isso.

Mas muito mais importante é o receio por mim mesmo. Ele deve ser entendido assim: já insinuei que na minha atividade literária e naquilo que se relaciona com ela efetuei pequenas tentativas de independência e evasão com um resultado quase nulo; muita coisa me confirma que dificilmente elas terão continuidade. Apesar disso é meu dever, ou antes: minha vida consiste em velar por elas, em não deixar que se aproxime perigo algum que eu possa repelir — com efeito, nem mesmo a possibilidade desse perigo. O casamento é a possibilidade do maior progresso; a mim porém basta a circunstância de que ele é a possibilidade de um perigo. O que então eu faria se de fato fosse um perigo? Como poderia continuar a viver dentro do casamento com o sentimento talvez indemonstrável, mas de qualquer modo irretorquível, desse perigo? Diante disso posso em verdade oscilar, mas a saída final é certa: preciso renunciar. A comparação do pássaro na mão e os outros dois voando[24] só se aplica aqui muito remotamente. Na mão eu não tenho nada, todos os pássaros estão voando e no entanto eu preciso — assim o determinam as condições da luta e a miséria da vida — escolher o nada. Também na escolha da profissão tive que fazer uma opção semelhante.

Mas o obstáculo mais importante ao casamento é a convicção já inextirpável de que tudo o que é necessário ao sustento da família ou

mesmo à sua direção é aquilo que reconheci em você — na verdade tudo junto, o bom e o mau, tal como isso está organicamente unificado em você, ou seja, força e desdém pelo outro, saúde e uma certa falta de medida, dom oratório e insuficiência, autoconfiança e insatisfação com todos, superioridade diante do mundo e tirania, conhecimento dos homens e desconfiança em relação à maioria; depois, virtudes sem qualquer desvantagem, como operosidade, perseverança, presença de espírito, esperança, intrepidez. De tudo isso eu não tinha comparativamente quase nada, ou só muito pouco; e no entanto, como queria me atrever a casar, vendo que mesmo você precisava trabalhar duramente no casamento, e diante dos filhos até fracassava? Como é natural, não me colocava explicitamente essa pergunta, nem a respondia de maneira explícita; caso contrário, o modo usual de pensar teria se apoderado da questão e me mostrado outros homens distintos de você (para citar um que está próximo e é muito diferente: tio Richard[25]) que se casaram e pelo menos não se arruinaram com isso, o que já é muito e teria me bastado fartamente. Mas não coloquei essa questão, e sim a vivi desde a infância. De início certamente não testei a mim mesmo diante do casamento, mas de qualquer insignificância; e diante de qualquer insignificância você me convencia, pelo exemplo e pela sua educação — tal como tentei descrevê-la —, da minha incapacidade; e o que era válido em qualquer insignificância e lhe dava razão tinha, é claro, de ser monstruosamente válido diante da coisa mais importante, ou seja: diante do casamento. Até as minhas tentativas de casamento, cresci mais ou menos como um homem de negócios que de fato vive o dia a dia com preocupações e maus pressentimentos, mas sem uma contabilidade precisa. Tudo é registrado, mas nunca submetido a um balanço. Chega porém o momento em que o balanço é forçoso, ou seja: a tentativa de casamento. E no que diz respeito às grandes somas com que é preciso contar, é como se aqui nunca tivesse existido o mínimo ganho e tudo fosse tão somente uma grande dívida. Agora case, sem ficar louco!

Assim termina minha vida até agora com você — e ela carrega consigo essas perspectivas para o futuro.

Caso abarcasse com o olhar minha fundamentação do medo que tenho de você, então você poderia responder: “Você afirma que eu simplifico a meu favor quando explico minha relação com você apenas através da sua culpa; mas acredito que, apesar do esforço aparente, você a torna, se não mais difícil, pelo menos bem mais em conta naquilo que lhe diz respeito. Em primeiro lugar, rejeita qualquer culpa e responsabilidade da sua parte e nisso, portanto, nosso

comportamento é o mesmo. Mas ao passo que atribuo toda a culpa a você, com a franqueza que está nos meus propósitos, a sua vontade é ser 'supersensato' e 'superafetuoso', absolvendo-me também de qualquer culpa. Naturalmente só na aparência você consegue essa última absolvição (mais que isso você também não quer); o resultado é que, nas entrelinhas, e a despeito de todos os 'discursos' sobre modo de ser, natureza, oposição e desamparo, fui eu o agressor, enquanto tudo o que você fez foi apenas autodefesa. Portanto, agora você já teria conseguido o bastante com sua insinceridade, pois provou três coisas: primeiro, que você é inocente; segundo, que sou culpado, e terceiro, que por pura grandiosidade você está disposto não só a me perdoar, mas — o que é mais ou menos o mesmo — a demonstrar e crer pessoalmente que eu, seja como for contra a verdade, também sou inocente. Isso poderia por ora lhe bastar, mas ainda não basta. De fato você pôs na cabeça que quer viver inteiramente às minhas custas. Admito que lutamos um com o outro, mas há dois tipos de luta: o combate cavalheiresco, em que se medem as forças de contendores independentes e cada qual responde por si, perde por si e ganha por si. E a luta do inseto daninho, que não só pica, mas também suga simultaneamente o sangue para conservar a vida. Este é o verdadeiro soldado profissional, e você é isso. Está inadaptado para a vida; para poder se instalar confortavelmente nela, despreocupado e sem autorrecriminações, você demonstra que eu lhe tirei toda a capacidade para a vida e a enfiei no meu bolso. Que importa agora que você seja incapaz para ela? A responsabilidade é minha, mas você se espreguiça tranquilamente e se faz arrastar física e espiritualmente por mim. Um exemplo: quando há pouco você queria se casar, não queria ao mesmo tempo se casar — é o que admite nesta carta; mas para não ter muito trabalho, queria que eu o ajudasse a não se casar, na medida em que, por causa da 'vergonha' que a ligação infligiria ao meu nome, eu o proibia desse casamento. Ora, isso não me ocorreu de maneira alguma. Em primeiro lugar, tanto aqui como noutra parte, nunca quis ser 'um obstáculo à sua felicidade', e em segundo, não quero jamais ouvir de um filho meu uma censura dessa natureza. Mas será que a autossuperação, com a qual lhe abri caminho ao casamento, ajudou alguma coisa? Absolutamente nada. Minha aversão ao seu casamento não o teria impedido; pelo contrário, teria sido um estímulo para você se casar com a moça, pois a 'tentativa de evasão', conforme você se expressa, teria assim se tornado sem dúvida completa. E minha permissão para o casamento não teria evitado suas recriminações, pois você certamente demonstra que de qualquer modo sou culpado por

você não se casar. No fundo, porém, aqui e em toda parte, não me provou nada a não ser que todas as minhas recriminações eram justificadas e que faltou entre elas uma especialmente legítima, ou seja: a recriminação da insinceridade, da bajulação, do parasitismo. Se não me equivoco muito, você ainda está parasitando em mim com esta carta".

A isso respondo que, em primeiro lugar, toda essa objeção, que pode em parte também se voltar contra você, não vem de você mas de mim. Nem mesmo sua desconfiança dos outros é tão grande quanto a minha autodesconfiança, para a qual me educou. Não nego à objeção uma certa legitimidade, que além do mais contribui com algo novo para a caracterização do nosso relacionamento. É claro que na realidade as coisas não se encaixam tão bem como as provas contidas na minha carta, pois a vida é mais que um jogo de paciência; mas com a correção que resulta dessa réplica — que não posso nem quero estender aos detalhes — alcançou-se a meu ver alguma coisa tão próxima da verdade que pode nos tranquilizar um pouco e tornar a vida e a morte mais leves para ambos.

Franz

1 Balneário no noroeste da Boêmia, onde os pais de Kafka costumavam passar as férias de verão. (N. T.)
2 Irmã caçula de Kafka, sua predileta. (N. T.)
3 Robert Kafka era tio do escritor e Karl Hermann, seu cunhado, casado com Elli, a irmã mais velha. (N. T.)
4 Irmãos do pai de Kafka. O primeiro era comerciante, o segundo, agente de seguros e o terceiro, também comerciante. (N. T.)
5 A "irmã do meio" de Kafka, entre Elli e Ottla. (N. T.)
6 Sobrinho de Kafka, filho da irmã Elli. (N. T.)
7 Assim no original. Termo tcheco que designa o balcão ou a varanda de uma casa. (N. T.)
8 Apelido familiar de Josef Pollak, cunhado de Kafka, casado com a irmã Valli. (N. T.)
9 Assim no original. Termo iídiche que significa "absurdo", "amalucado". (N. T.)
10 Kafka refere-se a um ditado mencionado em outra parte de sua obra, que afirma: "Quem dorme com cães, acorda com pulgas". (N. T.)
11 A expressão corresponde ao espírito, mas não à letra, da fala original: "Vou estraçalhá-lo como a um peixe". (N. T.)
12 Ottla decidiu administrar sozinha uma propriedade rural em Zurau, onde o próprio escritor passou longas temporadas em 1917 e 1918. (N. T.)
13 Companhia particular de seguros em Praga, onde Kafka trabalhou por algum tempo, logo depois de ter se formado em direito. (N. T.)
14 Irmã de Félix, filha de Elli e Karl Hermann. (N. T.)
15 Prima de Kafka, filha do seu tio Ludwig, que trabalhou na loja do pai do escritor durante a Primeira Guerra Mundial. (N. T.)
16 Referência à frase final do romance *O processo*, quando o personagem Josef K. é morto. (N.

T.)
17 Alusão metafórica aos rolos da Torá conservados na Arca Sagrada. (N. T.)
18 Assim no original. Maioridade do jovem judeu aos treze anos de idade. (N. T.)
19 Assim no original. Nome das duas primeiras noites da festa de Páscoa (*Pessach*) judaica. (N. T.)
20 Referência à autobiografia do político, cientista e escritor norte-americano Benjamin Franklin (1706-90). (N. T.)
21 Edifício de Praga onde Kafka morou em 1917. (N. T.)
22 Felice Bauer. Em maio de 1914 Kafka ficou noivo de Felice Bauer e em julho do mesmo ano rompeu o noivado. A história se repetiu nos mesmos termos em julho e dezembro de 1917. (N. T.)
23 Felice Bauer e Julie Wohryzek. (N. T.)
24 O provérbio aqui usado por Kafka tem o mesmo sentido, embora o teor verbal seja um pouco diferente: “O pardal na mão e a pomba no telhado”. (N. T.)
25 Richard Löwy, advogado em Praga. (N. T.)

POSFÁCIO

UMA CARTA NOTÁVEL

Modesto Carone

Franz Kafka escreveu a *Carta ao pai* (*Brief an den Vater*) em novembro de 1919, aos 36 anos de idade. Não deixa de ser surpreendente que o escritor, cinco anos antes de morrer, tenha decidido investir tanta energia num acerto de contas com o pai despótico. A surpresa aumenta quando se recorda que, a essa altura da vida, ele já era o autor maduro de algumas obras-primas da prosa universal, como *A metamorfose* e *O processo*. Nesse aspecto também é intrigante a motivação profunda que o leva, guiado por circunstâncias externas (como a desaprovação do pai ao seu terceiro e último projeto de casamento), a dar expressão pessoal direta a um tema que — nas suas próprias palavras — já havia transformado em substância literária. Leia-se o trecho da carta em que afirma ao pai: “Meus escritos tratavam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito”. Sabe-se que esta frase cortante tem amaciado as dificuldades da crítica biográfica, que nela costuma pinçar, com júbilo apressado, a via real de acesso ao conjunto da obra kafkiana. Evidentemente os resultados desses estudos são insatisfatórios, pois em geral não conseguem acompanhar o impulso de generalização da forma estética — obviedade que num artista consciente como Kafka merece muita atenção. Seja como for, entretanto, fica difícil, diante da *Carta*, fugir à consideração de que ela tem um fundamento histórico e existencial concreto e de que, com cautela e mediações, o documento pode ser lido não apenas como curiosidade pessoal e psicanalítica, mas também como explicitação de uma *dedicatória* ou *direção* da obra no seu todo; pois é comprovável que, em última instância, a ficção de Kafka passa pela figura do pai e do tirano para chegar à falta de liberdade objetiva do mundo administrado. Não é sem razão que Walter Benjamin, num ensaio de 1934 sobre Kafka, vê irmanados na sua obra pais e burocratas: “O pai”, diz Benjamin, “é a figura que pune. A culpa o atrai, como atrai os funcionários da Justiça. Há muitos indícios de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos em Kafka. Essa semelhança não os honra. Ela é feita de

estupidez, degradação e imundície”.[1] O próprio Kafka, aliás, não deixa por menos quando, na análise fina e feroz que faz do pai, diz ao *self-made man* Hermann Kafka, projeção do patriarca expressionista: “Da sua poltrona você regia o mundo. Sua opinião era certa, todas as outras, disparatadas, extravagantes [...] Você assumia para mim o que há de enigmático em todos os tiranos, cujo direito está fundado, não no pensamento, mas na própria pessoa”. Diante disso, é negligência não lembrar das autoridades intangíveis e arbitrárias que infernam a vida de Josef K. em *O processo*, dos Klamm e Momus que minam, com desdém ou chicana, a segurança e a identidade de K. em *O castelo*, do pai vingativo que condena Georg Bendemann à morte por afogamento em *O veredicto*, ou do famoso Pai Samsa que vai aniquilando, com bengaladas, bombardeio de maçãs e confinamento, a triste esperança de Gregor na sua sobrevivência como inseto. (Por sinal que a palavra-chave *Ungeziefer*, inseto daninho, designação dada por Kafka ao herói de *A metamorfose*, aparece duas vezes na *Carta*, proferida pelo pai.) Não bastasse isso, vigoram nas relações reais entre pai e filho, tematizadas na *Carta*, o desmando da *lei especial* que informa a parábola “Diante da Lei” (núcleo de significado do romance *O processo*), o delírio persecutório e o medo da destruição que atormentam o bicho-narrador de *A construção*, o sentimento de vergonha que preside à morte de Josef K. e a segregação final de *Um artista da fome*. Sem necessidade de forçar a nota, as analogias podem ser ampliadas, sobretudo a concorrência de perseguição, culpa e malogro, que assola o remetente da carta e os protagonistas da obra. Mas é por intermédio da extraordinária imagem do pai estendido sobre o mapa-múndi que Kafka consegue figurar na *Carta* tanto a falta de espaço do filho oprimido quanto a violência sem fronteiras da dominação. Diante de uma metáfora tão poderosa, talvez não seja descabido lembrar, neste posfácio, duas observações feitas por Adorno, uma sobre o próprio Kafka, a outra de ordem mais geral. A primeira diz o seguinte: “A origem social do indivíduo revela-se no final como a força que o aniquila. A obra de Kafka é uma tentativa de absorvê-la”. A segunda afirma que, quando alguém mergulha em si mesmo, não encontra uma personalidade autônoma, desvinculada de momentos sociais, mas sim as marcas de sofrimento do mundo alienado.

Transformado pelo pai em filho deste século, Kafka deu o passo adiante, próprio do artista, e se tornou um poeta (crítico) da alienação. Não é pouco para quem se considerava um fracasso.

Como foi dito, Kafka escreveu a *Carta ao pai* em novembro de 1919. Tinha pouco mais de 36 anos de idade e nesse mês estava hospedado, para tratamento de saúde, na pensão Studl, de Schelesen, pequena localidade situada ao norte de Praga. O pretexto imediato para a elaboração da "carta-gigante" (*Riesenbrief*, como o escritor certa vez a descreveu para Milena Jesenská) foi uma pergunta feita pouco tempo antes por Hermann Kafka, que queria saber por que o filho afirmava ter medo dele. A carta de fato começa com uma frase assim, mas o móvel principal foi certamente o estremecimento das relações entre pai e filho em torno da tentativa (logo abandonada) de casamento de Kafka com Julie Wohryzek, filha de Eduard Wohryzek, zelador de sinagoga num subúrbio de Praga. O escritor tinha conhecido Julie naquele mesmo ano em Schelesen, e o repúdio da moça por parte de Hermann Kafka (que a desqualificou como noiva por sua condição social, inferior à dos Kafka) provocou uma discussão movimentada com o filho. Foi nesse clima de rompimento que Kafka confabulou com a irmã predileta, Ottla, e decidiu escrever a carta. Esta deveria ser enviada a Hermann Kafka ainda durante a estada do escritor em Schelesen: o objetivo manifesto era menos um desagravo do que uma tentativa de desanuviar o relacionamento tenso com o pai. Evidentemente nada disso aconteceu, em primeiro lugar porque — dado o tamanho da carta — Kafka chegou ao fim da sua licença de saúde em Schelesen sem tê-la terminado (só acabou de escrevê-la em Praga) e em segundo porque *ela nunca foi entregue ao pai*. Foi só no fim de novembro de 1919 que bateu o texto a máquina (provavelmente na repartição onde trabalhava, em Praga), deixando, por algum motivo, a última página escrita a mão. Os comentadores acham que Kafka não entregou a carta seja porque Ottla e a mãe — que seguramente a leram — desaconselharam o seu envio ao pai, seja porque o próprio escritor pôs em dúvida o sentido do empreendimento (provavelmente diante da autoimagem problemática que o texto constrói), desistindo do ato final. De qualquer modo, durante o ano de 1920, Kafka ainda pensava em remetê-la ao velho Hermann, conforme demonstra sua correspondência com Milena, que, ao que tudo indica, teve acesso à carta num dos encontros com o escritor na rota Viena—Praga.[2]

Foi Max Brod que, na sua biografia de Kafka de 1937, citou pela primeira vez várias passagens do texto; mas, ao que parece por consideração pela família, hesitou em publicá-la na íntegra até 1950, quando então incluiu a *Carta ao pai* (o título é dele) nas "Obras reunidas" do autor. É um fato curioso a indecisão de Brod quanto ao lugar onde deveria situá-la no conjunto da obra. Finalmente, decidiu

incorporá-la à *obra literária* de Kafka, embora sempre tenha insistido no seu caráter de *carta particular*. De certa forma esses escrúpulos se refletem na fortuna crítica da *Carta*, em que os estudos dedicados a ela vão desde o ensaio biográfico e psicanalítico até as reflexões sócio-históricas, passando também pelas análises imanentes de texto, que analisam a linguagem, o modo de composição, o personagem-autor e o personagem-destinatário como partes integrantes de uma obra literária *tout court*.[3]

A tradução procurou, dentro do possível, reproduzir o timbre estilístico do original, marcado sobretudo pela frase lapidar, em que a firmeza do enunciado se alia à preocupação obsessiva com o recorte das nuanças. Nesse sentido evitou-se, principalmente, segmentar o período longo, aqui muito frequente, na tentativa de conservar a tensão dialética do texto, que se articula no avanço e retomada dos temas, no processo de acumulação que não recua diante das repetições, nas constantes viradas de sentido no curso das sentenças e no embate permanente entre os pronomes "eu" e "você", atores do drama retratado na *Carta* e cuja reiteração não pôde ser elidida sob pena de obscurecer o desenho da argumentação. Seguindo esse mesmo rumo, foram traduzidas com insistência as partículas de preenchimento em que é pródiga a prosa de Kafka, uma vez que a faxina desse recheio (de resto natural em alemão) substituiria o caráter eriçado de uma dicção intencionalmente superdeterminada por um "embelezamento" injustificado.

Várias pessoas amigas contribuíram para o avanço deste trabalho; imagino que elas concordariam em que ele fosse dedicado à memória de Marilene Carone, que se encarregou da revisão geral da tradução.

1 A tradução é de Sérgio Paulo Rouanet, *in* Walter Ben-jamin, *Obras escolhidas*, vol. 1, Brasiliense, 1985, p. 130.

2 Cf. Hartmut Binder (org.), *Kafka-Handbuch*, vol. 2, Kröner, Stuttgart, 1979, pp. 579 e ss.

3 Christoph Stölzl fez uma resenha competente dessas análises, *in* Hartmut Binder, op. cit., pp. 519-39.

SOBRE O AUTOR

Franz Kafka nasceu em 3 de julho de 1883 na cidade de Praga, Boêmia (hoje República Tcheca), então pertencente ao Império Austro-Húngaro. Era o filho mais velho de Hermann Kafka, comerciante judeu, e de sua esposa Julie, nascida Löwy. Fez os seus estudos naquela capital, primeiro no ginásio alemão, mais tarde na velha Universidade, onde se formou em direito em 1906. Trabalhou como advogado, a princípio na companhia particular Assicurazioni Generali e depois no semiestatal Instituto de Seguros contra Acidentes do Trabalho. Duas vezes noivo da mesma mulher, Felice Bauer, não se casou — nem com ela, nem com outras mulheres que marcaram a sua vida, como Milena Jesenská, Julie Wohryzek e Dora Diamant. Em 1917, aos 34 anos de idade, sofreu a primeira hemoptise de uma tuberculose que iria matá-lo sete anos mais tarde. Alternando temporadas em sanatórios com o trabalho burocrático, nunca deixou de escrever ("Tudo o que não é literatura me aborrece"), embora tenha publicado pouco e, já no fim da vida, pedido ao amigo Max Brod que queimasse os seus escritos — no que evidentemente não foi atendido. Viveu praticamente a vida inteira em Praga, exceção feita ao período final (novembro de 1923 a março de 1924), passado em Berlim, onde ficou longe da presença esmagadora do pai, que não reconhecia a legitimidade da sua carreira de escritor. A maior parte de sua obra — contos, novelas, romances, cartas e diários, todos escritos em alemão — foi publicada postumamente. Falecido no sanatório de Kierling, perto de Viena, Áustria, no dia 3 de junho de 1924, um mês antes de completar 41 anos de idade, Franz Kafka está enterrado no cemitério judaico de Praga. Quase desconhecido em vida, o autor de *O processo*, *O castelo*, *A metamorfose* e outras obras-primas da prosa universal é considerado hoje — ao lado de Proust e Joyce — um dos maiores escritores do século.

M.C.

SOBRE O TRADUTOR

Modesto Carone é escritor, ensaísta e professor de literatura, tendo lecionado nas universidades de Viena, São Paulo e Campinas. Suas traduções de Kafka, a partir do original alemão, foram iniciadas em 1983 e já cobrem doze títulos: *Um artista da fome*, *A construção*, *A metamorfose*, *O veredicto*, *Na colônia penal*, *Carta ao pai*, *O processo* (Prêmio Jabuti de Tradução de 1989), *Um médico rural*, *Contemplação*, *O foguista*, *O castelo* e *Narrativas do espólio*.

Table of Content